

HISTORIA DA PEDAGOGIA EM PORTUGAL

II

A Universidade e o espirito secular da instrucção humanista

§. 1 — Conflictu da influencia papal e real na Universidade

No seu fundamental *Discurso sobre o estado das Letras no seculo XIV*, Victor Leclerc considera a instituição das Universidades como simultanea com os parlamentos « annunciando pelos seus progressos uma das transformações da antiga sociedade, o advento do terceiro estado. » ¹ Na historia da pedagogia importa conhecer sempre as relações que existem entre as doutrinas que constituem a instrucção individual e as fórmulas por onde se aperfeiçoa a organização social. A ausencia d'este criterio tem tornado improficuas as observações d'aquelles que analysam as instituições escolares, reduzindo todas as suas suggestões e planos de reforma á mais deploravel inefficacia. No periodo historico em que os Jesuitas dominaram a instrucção publica da Europa, elles separaram estes dois problemas, impondo disciplinas e methodos de ensino exclusivamente litterarios em contradicção com a tendencia experimental e

¹ Op. cit., t. I, p. 262.

de livre critica com que começou a renascença scientifica do seculo xvi. Augusto Comte relacionou sob o ponto de vista de uma applicação social estes dois principios, a conformidade da educação individual com a direcção temporal da sociedade, ambas derivadas das mesmas noções scientificas. Assim *Pedagogia* e *Politica* são os meios praticos por onde uma doutrina philosophica pôde harmonisar o desenvolvimento individual com o progresso da sociedade. Na marcha historica da Europa, nem sempre as capacidades dirigentes tiveram conhecimento da intima relação entre a *Politica* e a *Pedagogia*; e em rigor pôde-se afirmar, que a sua dependencia imprescindivel de uma doutrina philosophica está ainda longe de ser comprehendida. As grandes crises do ensino europeu caracterizam-se pela simultaneidade com os profundos abalos politicos; o *ensino secular* das Universidades estabelece-se conjunctamente com os parlamentos e concorrência do terceiro estado, assim como o *ensino scientifico* das Polytechnicas, organizado pela Convenção franceza, é uma resultante do phenomeno da dissolução do regimen catholico-feudal no fim do seculo xviii.

Investiguemos esta primeira crise.

A Egreja renegára a tradição da cultura greco-romana, e foi pela influencia dos Arabes que se despertou o interesse pelos estudos scientificos e philosophicos, que determinaram a renascença intellectual da Europa. Como se reatou esta continuidade? Depois que a religião christã se tornou politica, sob Constantino, ella dirigiu o poder temporal para a destruição do hellenismo; em 529 o imperador Justiniano publicou um edito mandando fechar todas as escholas philosophicas, e segundo o historiador byzantino Agathias, os eruditos e philosophos Damascio, Simplicio, Eulamios, Prisciano, Isidoro de Gaza, Hermias e Diogenes de Phenicia foram procurar asylo na côrte dos Sassanides, na Persia, onde reinava o celebre Chosroës Nushirwan. Tal foi o facto que originou a communicação dos Arabes com a civilisação hellenica, e foi na occupação do Occidente que elles pelo esplendor das suas escholas deslumbraram Carlos Magno, o grande organisador da Europa. As obras de Aristoteles formavam uma vastissima encyclopedia constituida por sciencias experimentaes, em que se reconhecia a superioridade do criterio objectivo; as explicações, os commentarios dos que as estudavam forneciam ao espirito uma actividade critica e a preponderancia do ponto de vista *humano*. As traducções arabes das obras mathematicas de Euclides, do *Almagesto* de Ptolemeu, das obras medicas de Hippocrates e do *Organum* de Aristoteles, do *Phedon*, *Cratylo* e *Leis* de Platão, renovaram novos horisontes á intelligencia, que estava atrophada pelos escolasticos, que reduziam a instrucção ao fim exclusivamente sacerdotal. Esta nova corrente helle-

nica conservára-se entre os christãos nestorianos, e mesmo no sul da França, a existencia de um mosteiro onde se conservava o rito das egrejas de Smyrna e de Constantinopla, explica-nos com que facilidade se acceitava o contacto com as eschololas dos Arabes. Aquelle que trazia a iniciação scientifica d'essas eschololas, e que possuia o segredo da interpretação das doutrinas da Grecia, afastado das Collegiadas, abria o seu estudo em um logar isolado, e a fama da sua capacidade attrahia de todas as partes da Europa as intelligencias ávidas de saber, que vinham acercar-se com fervor da sua *cathedra*. Os discipulos vestiam-se com a toga dos philosophos antigos, e d'aqui veiu o costume das vestes escolares nas Universidades; o estudo fazia-se debaixo dos arvoredos ou nos logares elevados, d'onde veiu o chamar-se ao monte de Santa Genoveva, onde se fundou a Universidade de Paris, a *collina dos Doutores*. Se o catholicismo estabelecia a confraternidade pela crença, o fervor dos estudos humanistas creava a confraternidade pela sciencia, e do encontro dos discipulos que vinham de diferentes paizes da Europa receber a mesma disciplina nasceu essa designação de *Universidade*, antes das diversas *cathedras* serem incorporadas em um systema unitario de instrucção civil, pela auctoridade temporal. Os papas, que anteriormente condemnavam a cultura greco-romana, como vimos pela reprehensão de S. Gregorio Magno ao bispo Didier, agora obedeciam a essa corrente, que desde o seculo XIII generalizou a instituição das Universidades pela Europa; é assim que Innocencio III, em 1212, appresenta pelo seu legado o regulamento da Universidade de Paris, e Honorio III (1216 a 1227) ordena que os Cabidos mandem alguns jovens frequentar as Universidades publicas, chegando a depôr um Bispo *porque não lera Donato*, como o refere Tiraboschi. Pelo seu lado Gregorio IX, codjuvando o restabelecimento da Universidade de Paris em 1229, e honrando com privilegios a Universidade de Bolonha, sente que o desenvolvimento do direito civil romano pela realeza é um perigo para a auctoridade pontifical, e organisa o corpo do Direito canonico. O papa Innocencio IV pela sua bulla de 1254 condemna o desenvolvimento do direito civil, que se ensinava juntamente com a dialectica e com a rhetorica; era uma primeira reacção clerical contra o humanismo: «Um deploravel rumor se espalha, e repetido de bocca em bocca, veiu affligir os nossos ouvidos. Diz-se que a multidão dos que aspiram ao sacerdocio, abandonando, repudiando mesmo os estudos philosophicos, e por consequencia tambem os ensinios da Theologia, corre compacta ás eschololas onde se explicam as leis civis. Accrescenta-se — que em um grande numero de paizes, os bispos reservam as prebendas, as honras e as dignidades ecclesiasticas para aquelles que occupam cathedras de jurisprudencia, ou que se

*

prevalecem do titulo de advogado, etc.» Apesar do seu protesto Innocencio iv funda a Universidade de Placencia, e concede privilegios ás Universidades de Tolosa e de Valencia, na Hespanha. ¹ Alexandre iv (1261) mandou os seus sobrinhos frequentarem a Universidade de Paris; e Nicoláo iv, (1288 a 1292) convertendo em Universidade a eschola de Montpellier e fundando tambem a Universidade de Macerata, segundo affirmam alguns escriptores, concede os privilegios de fôro ecclesiastico á nova Universidade de Lisboa fundada pelo rei D. Diniz. Esta creação do monarcha foi provocada pelo pedido de diversos prelados portuguezes, que contra a bulla de Innocencio iv de 1254, dotavam com prebendas das suas egrejas os lentes chamados para ensinarem as disciplinas humanas; a bulla de confirmação de Nicoláo iv é uma permissão d'este donativo: «Com effeito chegou aos nossos ouvidos, que por esforços do nosso carissimo filho em Christo, Diniz, rei illustre de Portugal, se implantaram de novo, não sem muita e louvavel previsão, na cidade de Lisboa, estudos de certa faculdade permitida, a cujos mestres, afim de que podessem dedicar-se exclusivamente aos estudos e sciencias, se diz ter sido promettido e estipulado certo salario por alguns Prelados, Abbades da Ordem de Cister, Priores da Ordem de Santo Agostinho, e de S. Bento, e Reitores de certas Egrejas seculares dos reinos de Portugal e Algarves.» Nicoláo iv concede: «que todos os mestres que actualmente regem as cadeiras na sobredita cidade de Lisboa possam perceber e ter integralmente os proventos das prebendas e dos seus beneficios...» Mas em compensação sequestra os estudantes da dependencia da auctoridade civil, ampliando a elles o fôro ecclesiastico: «que não possam ser julgados por algum secular, nem castigados, a não ser que por juizo da Egreja os condemnados sejam entregues ao tribunal secular.» É notavel esta invasão da esphera civil, quando o rei D. Diniz tratava, pelo direito romano que renascia, de definir os seus poderes magestáticos, trazendo o proprio fôro da nobreza á sua dependencia pelo estabelecimento de um cadastro geral das familias fidalgas a que se chamou o *Livro das Linhagens*. A exemplo da Universidade de Bolonha, onde os bispos é que conferiam os grãos, Nicoláo iv submete tambem a Universidade de Lisboa a essa de-

¹ É ainda vulgar em Hespanha e Portugal o antigo annexim :

Medico de Valencia,
Muitas fraldas
E pouca sciencia.

pendencia, destacando como reservado o ensino da Theologia. Como o ensino das escholas menores estava a cargo das Collegiadas, desde logo nasceu o conflicto entre o Mestre-eschola da sé de Lisboa e o Bispo ácerca da superintendencia da Universidade. As escholas foram estabelecidas no Campo da Pedreira, ás Portas da Cruz, na Moeda velha, e os estudantes, como uma classe social á parte, com privilegios proprios, foram localizados em um bairro da Porta do Sol e Santo André em diante por toda a freguezia de Alfama. Além dos salarios pagos pelos Abbades e Piores supracitados, os estudantes tambem contribuiam com certas quotas, d'onde resultava o direito que tinham de *elegerem o seu Reitor* e o pessoal administrativo da Universidade. Este costume apparece na Universidade de Bolonha, a mais afamada de toda a Italia e o modelo de quasi todas as outras; dos seus estudantes dizia-se: *Scholares non sunt boni pagatores*. Durou alli este costume até 1280; porém em Portugal o direito da eleição dos reitores pelos estudantes durou até 1537, sobrevivendo talvez á antiga obrigação das minervaes. Em Bolonha no fim do seculo XIII (1265 a 1294) frequentavam os estudos doze mil alumnos, e na matricula publicada por Sarti, figuram *portuguezes* entre os francezes, flamengos, tedescos, hespanhoes, inglezes e escocezes. ¹ Foi n'esta Universidade que floresceu o celebre portuguez Pedro Julião, conhecido pelo nome de *Pedro Hispano*, como adiante veremos.

Os privilegios exorbitantes da classe escholar não podiam deixar de produzir constantes conflictos com a população burgueza. Na bulla de Nicoláo IV, pede-se a D. Diniz: «que obrigue com o seu poder os habitantes de Lisboa a arrendarem as casas que estão devolutas para n'ellas habitarem os alumnos, pagando o competente aluguer que fôr taxado por dois clérigos e dois seculares, homens catholicos e circumspectos, eleitos sob juramento em commum por vós e pelos mesmos cidadãos, e que além d'isso o mesmo monarcha por meio dos seus balios, officiaes e ministros da mesma cidade, prestando o juramento devido, haja de garantir pessoas e fazenda dos alumnos e tambem a seus servos, a segurança e immuniidade.» Aqui temos os germens dos conflictos dos estudantes com a população de Lisboa, que determinaram o rei D. Diniz a mudar a Universidade de Lisboa para Coimbra em 1309. ² Na poesia popu-

¹ Tiraboschi, *Historia litteraria de Italia*, t. IX, p. 50

² Bulla de Clemente V, de 26 de fevereiro de 1308, na qual concede a licença.

lar portugueza existem reminiscencias não só da predilecção da realeza pelos estudos seculares, mas do typo turbulento da classe privilegiada dos estudantes. Lê-se no romance de *Dom Carlo Montalvar*:

Pagem como ignorante
A Elrey o foi contar,
A *Casa dos Estudantes*
Onde estava a estudar. ¹

E nos *Cantos populares açorianos*: (n.º 82.)

Já os canarinhos
Pelas faias cantam,
Já os meus vizinhos
Por aqui se alevantam;
Já os *Estudantes*
Vão para o *Estudo*,
Com meias de seda,
Calção de velludo,
Fivellas de prata.
Que desbancam tudo. ²

Nas maximas populares ha muitas referencias aos costumes dos estudantes, como a classe individualista:

Estudante
Bergante,
Chapéu de alguidar,
Com o sentido nas moças
Não póde estudar.

Na *Nova Floresta* de Bernardes, encontra-se este outro annexim, commum á tradição hespanhola: (t. II, p. 86.)

Até quatro dorme o santo,
Cinco, o que não é tanto;
Seis ou sete, o estudante,
Outo ou nove o passeante,
Dez, o porco,
As mais o morto. ³

¹ *Rom. geral*, n.º 31.

² O papa Urbano v, para destruir a differença que se estabelecia entre estudantes ricos e pobres, é que impoz a uniformidade das vestes escolares. Victor Leclerc, *État des Lettres au XIV siècle*, t. I, p. 293.

³ As horas de descanso do estudante no rifão popular, condizem com o que estabelece o rei D. Manuel no seu Estatuto da Universidade de Lisboa: « Ordenamos que o Capellão do Estudo se apparelhe de maneira, que em sahindo o sol, comesse a missa, e em fim d'ella começarão os Lentes de Prima a ér... »

Muitos d'estes costumes eram communs á Universidade de Salamanca, d'onde regressavam muitos estudantes portuguezes, e a qual não foi sem relação com a Universidade de Coimbra, onde o titulo de *Cancellario*, dado ao Prior de Santa Cruz, parece ter o sentido que em Salamanca lhe ligaram como synonymo de Mestre-eschola da Sé. A mudança da Universidade para Coimbra em 1309, seria tambem para a libertar da ingerencia do bispo de Lisboa, e para aproveitar o nucleo das escholas menores do Mosteiro de Santa Cruz. Em todo o caso as continúas mudanças da Universidade de Lisboa para Coimbra e vice-versa, correspondem a um facto commum ás outras Universidades da Edade media. Em primeiro lugar, as terras ou cidades tinham fortes rivalidades entre si por causa das suas Universidades, como Bolonha, que se temia de Montpellier por causa dos seus estudos medicos, e de Regio por causa dos estudos juridicos, chegando a contractar os seus lentes por clausula declarada de não abandonarem por outra a sua Universidade, e obrigando os estudantes com juramento de não deixarem de seguir os estudos em Bolonha. Honorio III prohibiu aos estudantes da Campania e da Toscana o obedecerem a este juramento. N'esta lucta das Universidades, que raptavam entre si os melhores lentes, aconteceu por vezes os lentes emigrarem com os estudantes, como Roffredo saído de Bolonha para Arezzo, e nascerem novas Universidades, como a de Padua com elementos saídos de Bolonha. N'uma d'estas emigrações, era lente em Bolonha o celebre portuguez *Pedro Hispano*,¹ como se sabe por uma carta de Guilherme Gascão, convidando-o para ir para Padua, para onde Frederico II transferira a Universidade. As Universidades tornavam-se uma centralisação das escholas seculares sob o poder real; Frederico II fundando a Universidade de Napoles em 1224, prohibiu aos seus subditos o sairem a frequentar estudos estrangeiros, e mandou recolherem-se á patria os que andavam fóra. Tambem fóra de Portugal figuraram muitos escholares, circumstancia que não deixaria de influir na creação de D. Diniz; entre esses figura como um dos grandes doutores da Edade media o portuguez que teve a gloria de ser memorado por Dante:

Ugo da San Vittore, è qui con elli
E Pietro Mangiator, e PIETRO HISPANO,
Le qual giù luce in dodici libelli.²

¹ Tiraboschi, *ob. cit.*, t. IV, p. 47.

² *Paraiso*, canto XII.

Dante referia-se aos livros vulgarisados em todas as escholas da Edade media, nos quaes Pedro Hispano espalhou as doutrinas de Aristoteles e a medicina averrhoista, as *Summulas Logicas*, os *Problemas*, os *Canones Medicinaes* e o *Thesaurus Pauperum*. Pedro Hispano era natural de Lisboa, freguezia de S. Julião, arceidiago de Vermoim, D. Prior de Guimarães, sendo nomeado cardeal pelo papa Gregorio x no concilio geral de Leão em 1274, e successor de Adriano v em 1276 com o titulo de João XXI. D'este pontifice portuguez, cujo nome figura como bispo de Braga confirmando os documentos do reinado de D. Affonso III, diz Martinho de Fulda: «*Fuit magnus medicus, et scripsit librum de Medicina, qui Thesaurus pauperum vocatur.*» Porém a sua grande influencia nas escholas medievaes foi a sua Logica, as *Summulas*, ás quaes ainda alludia Kant, quando para dizer de um individuo que não tinha juízo, empregava a periphraze: *Falta-lhe a segunda de Pedro*. As *Summulas logicales* foram attribuidas a Miguel Psello, escriptor do seculo XI, pertencendo a Pedro Julião apenas a traducção do grego; ¹ porém esta asserção não assenta em fundamento algum, ao passo que Dante, e Ricobaldi de Ferrara, do seculo XIII affirmam que Pedro Hispano fizera tratados de logica, ² sendo alguns d'elles traduzidos em grego trinta annos depois da sua morte. ³ A grande reputação européa de Pedro Hispano não deixaria de actuar na determinação do rei D. Diniz para fixar em Portugal os talentos que andavam elevando as Universidades estrangeiras. Durante toda a Edade media as doutrinas de Pedro Hispano, vulgarizador da logica aristotelica, influiram constantemente na direcção do ensino europeu, especialmente dialectico. Antes de entrarmos no periodo da primeira transferencia da Universidade de Lisboa para Coimbra em 1309, importa esboçar o quadro geral das ideias dominantes d'onde dimanou o novo ensino humanista. A primeira Renascença provocada pelos Arabes, seguiu-se uma maior approximação do hellecismo, a que Ampère chama a segunda Renascença, do seculo XIII; é d'esta approximação que provém o generalisar-se as divisões pedagogicas do *trivium* e *quadrivium*, que se suppõe de origem pythagorica, e que se acham no livro de Philon, *De Congressu*, e em

¹ Bartholomeu Keckermman, t. I *Op. Præcog. Log.*, p. 105 e 107.

² Eccardi, *Corpus hist. mediæ ævi*, t. I, col. 1219.

³ Nessel Catalogus, sive recensio specialis omnium Cod. Ms. grecorum Bibliothecæ Cæsareæ Vindebon. Part. 5. Cod. 128, onde se acha assim descripto: «*Excerpta miscellanea ex diversis etc. . . Ex Dialecticæ Mag. Petri Hispani, interprete Georgio Schelario.*»

Tzetzes.¹ O hellenismo alexandrino era o unico conhecido, e por isso a actividade do espirito seguia essa direcção, dispendendo-se no estudo da grammatica, da rhetorica, na argucia dialectica e no theurgismo mystico. A tradição scientifica da Grecia, que se elevára a uma concepção positiva na mathematica, na astronomia, e nas observações geraes da physica, estava corrompida pelos desvarios da cabala, da astrologia judiciaria e pela alchimia; e o espirito de observação condemnado pela Igreja, como se vê em relação a Rogerio Bacon, não podia dar uma disciplina concreta a essas vagas abstracções em que a philosophia se tornava instrumento subalterno da theologia. Como as afirmações não dependiam da comprovação dos factos, mas sim da habilidade da argumentação, entenderam que a verdade resultava da demonstração logica, e desenvolveu-se esta arte até ao ponto de caracterisar toda a actividade mental do fim da Edade media com o nome de *Scholastica*. As escholas eram um torneio permanente de argumentação, em que se abusava até ao desvario das categorias do raciocinio admiravelmente definidas por Aristoteles. O grande philosopho não tinha culpa da errada comprehensão da sua obra inexcedivel; no fim do seculo xvi um outro portuguez, Francisco Sanches, no seu livro *Quod nihil scitur*, ataca esta errada actividade mental, restabelecendo a preponderancia do criterio da observação e da experiencia como meio de chegar á verdade, assentando assim as bases do ensino scientifico moderno. A falta de elementos concretos de observação e de experiencia, fez com que nas escholas se esgotassem em vagas abstracções, sendo a philosophia o centro para onde convergiam todos os esforços mentaes que se dispersavam sem destino. As luctas entre *Nominalistas* e *Realistas* foram a resultante d'esta incoherencia doutrinaria; a tendencia para a organização de *Encyclopedias* era o effeito d'este pedantismo inconsciente, que se conservou sempre nas disciplinas humanisticas; e a formação prematura de *Classificações hierarchicas dos Conhecimentos humanos*, quando ainda se não suspeitava da existencia da physica, da chimica, da biologia, nem da sociologia, era um esforço contra a dispersão de elementos sem nexos digmatico, que não conduziam a nenhuma conclusão fundamental. A falta de seriedade na sciencia reflectia-se no entono auctoritario dos mestres, e na vaidade balofa dos grãos honorificos, que se ligaram desde muito cedo ao ensino humanista das Universidades. O titulo de *Grammaticæ Doctor*,

¹ Ozanan, *Dante et la Philosophie catholique*, p. 74.

acha-se desde o seculo IX empregado por Alcuino; o titulo de *Baccalarius*, era já usado em 1045, como se comprova pela Chronica de Radulpho Glaber; o titulo de *Doctor Scholasticus*, era já applicado a Abailard, Pedro Lombardo, Porretanus e outros, como se vê em Galterus de S. Victor, que escrevia por 1180; os grãos academicos instituiram-se regularmente por 1151, *secundum pompam litterarum sæcularium*, como relata Pedro, bispo de Orvieto, estendendo-a tambem para os que frequentavam a theologia, recebendo em 1198 o grão de doutor em theologia em Paris o que teve o titulo de Innocencio III. De par com os doutores das leis ou dos decretos, e doutores em artes, havia tambem os *Doctores sacræ pagine*.¹

A actividade do seculo XII e XIII foi gasta n'esse jogo de palavras, chamado a *Philosophia scholastica*; a tradição das escholas especulativas da Grecia renasceu nas Universidades, mas viciada pela theologia catholica. A verdadeira comprehensão da *Philosophia scholastica*, e mesmo a sua alta importancia, só podem ser conhecidas, relacionando-a com os seus antecedentes hellenicos, e com a evolução subsequente das crises philosophicas da Europa. Na *Philosophia* da Grecia existiram duas escholas fundamentaes caracterizadas pelas suas concepções, a *eschola jonica* que especulava sobre os elementos objectivos do conhecimento, e a *eschola eleatica*, que deduzia o conhecimento do universo dos dados subjectivos do espirito pela synthese aprioristica. Estas duas fórmulas do conhecimento acham-se representadas pelos dois eminentes pensadores Aristoteles e Platão; a acção de Aristoteles, que se acha rehabilitada pela sciencia moderna, foi especialisada particularmente nos processos casuisticos da Logica, e o influxo de Platão actuou sobre os devaneios mysticos da theologia christã e em grande parte na idealisação sentimental dos creadores do lyrismo moderno. As luctas que se travaram desde o seculo XVI contra o *aristotelismo* são apenas uma reacção contra o abuso da dialectica escholar, porque a superioridade scientifica de Aristoteles só podia ser definitivamente reconhecida quando a civilisação europêa continuasse a creação das sciencias cosmologicas, interrompidas durante o longo periodo da Edade media, proseguindo depois da Mathematica e da Astronomia a moderna Physica, a Chimica, e as sciencias biologicas.

¹ Ed. Duméril, *Poésies populaires latines du Moyen-âge*, p. 452, col. 2. O M. Pedro da Cruz, que em 1429 era lente de theologia em Lisboa, intitula-se *Magister in sacra pagina*.

A influencia de Aristoteles foi enorme na Edade media, embora não comprehendido no assombroso conjuncto das suas doutrinas concretas. Aristoteles concebia claramente os dois elementos essenciaes do conhecimento, o individuo, ou o *subjectivo*, cuja realidade estava na propria consciencia, e o *objectivo*, ou os dados do mundo exterior, conhecidos segundo as impressões variadas, que chamava nomes. A investigação d'este elemento objectivo constituia a actividade scientifica, como o exercicio da faculdade subjectiva constituia a disciplina philosophica. A Edade media, não comprehendendo esta intima dependencia, exagerou a parte subjectiva, reduzindo a acção de Aristoteles simplesmente à sua Logica, e sem o apoio dos factos experimentaes, considerou que fóra do espirito humano existiam ideias geraes que dirigiam os phenomenos, deixando-se enlevar nos sonhos idealistas de Platão.

Sob esta dupla corrente, as duas escholas *jonica* e *eleatica* renasceram com outros nomes; os que ligavam a maior importancia à objectividade, e que davam toda a preponderancia ao criterio sensualista, foram designadas os *Nominalistas*; aquelles que subordinavam o conhecimento à pura objectividade, consideravam-se como espiritualistas, e com o nome de *Realistas* fortificavam-se com a theologia catholica, ou attrahidos pela idealisação pantheista de Platão, chamavam-se os *Universaes*. Quem poderá rir-se d'estas tendencias luctas escholasticas entre *Nominalistas* e *Realistas*, se era esse effectivamente o grande problema da intelligencia humana? Ainda no seculo xvii Locke e Berkeley separam estes elementos do conhecimento; a realidade para Locke é *objectiva*, e para Berkeley *subjectiva*; toda a renovação do genio philosophico de Kant consistiu no exame da importancia d'estes dois elementos do conhecimento, concluindo no seu criticismo pela necessidade final do seu accordo; e a origem historico-dogmatica do Positivismo proveiu do desenvolvimento successivo das sciencias *objectivas*, desde o seculo xvi a xix, e da necessidade de coordenal-as em um todo systematico, começando pela subordinação do criterio *subjectivo* aos dados verificaveis das sciencias, e acabando pela synthese nova em que a realidade e a subjectividade se conformam como unica manifestação da verdade.

As doutrinas philosophicas, que penetraram nas Universidades da Edade media, estavam representadas pelas altas individualidades, Sam Thomaz, Duns Scott e Raymundo Lullo, dando lugar às escholas intituladas dos *Thomistas*, dos *Scottistas* e dos *Raymunistas*. A influencia d'este ultimo, conhecido pela antonomasia do *Doutor Illuminado*, exerceu-se nas Universidades meridionaes, havendo uma cadeira especial para explical-o nas Universidades de Hespanha. Além da sua doutrina, que se distinguia por um contacto mais di-

recto com a philosophia dos Arabes, e pela aspiração a conciliar a razão com a fé, elle exerceu uma acção notavel nas Universidades, proclamando a necessidade dos estudos das linguas orientaes. O papa attendeu-o permittindo que as linguas orientaes fossem ensinadas em Roma e nas grandes Universidades de Bolonha, Paris, Oxford e Salamanca. Na Universidade de Lisboa existiam desde a sua fundação cadeiras de *arabe* e de *hebraico*; fizeram-se traducções do Velho Testamento, e na *Corte Imperial*, manuscripto da Bibliotheca de Dom Duarte, figura-se um combate dialectico com os Doutores Arabes sobre os dogmas christãos, tal como os fazia Raymundo Lullo.

Fallando d'este grande visionario, que queria além da conciliação da fé com a razão a unificação da humanidade pelo christianismo, Gardia retrata-o com mestria: « Este homem, de raça catalã, não se parece com nenhum dos seus contemporaneos do Occidente. Elle não é nem scholastico, nem classico; o seu character permanece independente, e o seu espirito indisciplinado. É Arabe pelas ideias, pelo methodo e pela linguagem. Ao contacto do Oriente, e graças á sua vida errante, elle sacudiu o jugo pesado da theologia das escholae; ama o raciocinio mais do que a razão; mas reconhece os direitos da razão e a necessidade da sua intervenção em materias da fé.» E termina com este bello traço positivo: « Elle tinha um genio singular, e não é para elle uma pequena gloria o ter entrevisto, desde o seu tempo, uma cousa que nós entrevemos hoje com nova intuição, a unidade da sciencia pela coordenação empirica e racional dos conhecimentos humanos, e uma cousa que de longe apenas entrevemos, a unidade da vida social, isto é, o estabelecimento e a consolidação da ordem na humanidade. » ¹

(Continúa.)

THEOPHILO BRAGA.

¹ Ap. *Revue germanique*, t. XIX, p. 223, 224.

ENSAIO DE PREHISTORIA

DA

LITTERATURA CLASSICA ALLEMÃ

(Conclusão)

Cada peça de Shakespeare tem sua atmosphaera particular, seu tom, sua côr, segundo a qual se harmonisam todos os reflexos da luz. Esta côr total da peça espalha-se tambem sobre todas as figuras d'ella.

Hamlet é uma tragedia de caracter; mas em vão tem-se buscado reduzir a uma simples formula o *schema* d'esse caracter. Em cultura e espirito, superior a todos, Hamlet sente-se enjoado pelas vistas do mundo. Seu proprio espirito é por assim dizer a sua fatalidade. Façamos em rapidos traços passar ante nós algumas scenas do drama. — É uma fria e medonha noite de espectros; nenhum signal de verdor, nenhuma côr, que indique a vida. O logar é feito para phantasmas. Não admira que nos demorem tanto tempo no cemiterio; a terra inteira é um cemiterio: — as caveiras são a unica realidade, que resta dos séres vivos; e n'aquelles que ainda vivem, — o que é verdadeiro? — o que é real? A morte mesma, — é uma realidade? O que é a felicidade terrena, — o amor? O que é mesmo o dever da consciencia n'este mundo de apparencias vãs e de baixezas? Vale a pena lançar mão da energia da vontade, que entretanto sempre nos foge? — Taes abysmos do pensa-

mento repousam debaixo da superficie da vida; e justamente para levar o olhar a estas profundezas, é que o poeta creou a fabula do *Hamlet*.

Em *Romeo e Julietta* parece tudo immerso na rosea flamma de terna sensibilidade. A peça pinta as doçuras e os soffrimentos d'um feliz amor. Cada palavra respira um ardente prazer da vida. Onde mesmo a paixão se agita indomavel, do olhar colerico e desesperado ainda borbulha a alma, que se sente destinada para a felicidade. É certo que Romeo bebe o veneno e Julietta crava o punhal no peito, mas ambos morrem com o sentimento de terem vivido e haverem sido capazes e dignos de viver.

Romeo e Julietta foi n'estes ultimos tempos objecto d'um estudo á parte, d'um estudo sério de Eduard von Hartmann. O grande philosopho quiz provar que a ideia commum de vêr n'essa tragedia uma encarnação dramatica do ideal do amor, é uma ideia falsa, ao menos para o mundo germanico. Romeo e Julietta, diz elle, correspondem bem aos ideaes romanicos, mas contrastam duramente com os ideaes allemães...

Acho rigor em tal juizo. Quero crêr que a diferenciação das raças tambem se faça valer no modo de conceber e de sentir o amor; mas existe ahi alguma coisa, que nada tem que vêr com as raças, que é superior a todas ellas: — é o amor-doença, o amor que invade o homem, sem pedir permissão, á semelhança de febre ou cholera, como diz Iwan Turgenieff. E não terá sido d'este que o poeta quiz dar-nos a pintura?

Shakespeare sempre passou e ainda passa por um profundo conhecedor da natureza humana; deu d'isto vivas provas em todos os seus dramas. Devo porém confessar que de tantas e tão claras attestações d'esse factio nenhuma jámais me pareceu tão evidente, como aquella que se contém em meia duzia de palavras de Julietta, na scena 5.^a do acto I. É quando a moça, já apaixonada por um só primeiro encontro, adoecida de amor, diz a sua aia, referindo-se a Romeo: — « Vae informar-te do seu nome; se elle é casado, eu terei o tumulo por leito nupcial ».

Que explosão! Porém tambem que verdade! Concordo que difficilmente as Juliettas de hoje exprimir-se-hiam de tal modo. Na sua bocca as palavras seriam estas: — « Vae informar-te do seu nome: se elle é casado, — então... o diabo que o leve; eu estava zombando d'elle ». Mas isto não destroe a verdade do ideal shakespeareino do amor, que não conhece outra lei senão elle mesmo, do amor que esvoaça livre por cima de todas as convenções e regulamentos sociaes.

Shakespeare não era uma natureza simplesmente robusta; elle via ás vezes, como Hamlet, quadros negros. Mais em cheio do que

elle ninguem sentiu a força da vida; mas tambem ainda nenhum poeta accusou a vida mais duramente do que elle.

IX

Desde a paz religiosa de Aupsburgo a Allemanha havia tomado pouca parte nos grandes movimentos do mundo; a occupação geral concentra-se em pequenas querellas theologicas. Os costumes eram rudes; ainda mais rudes os divertimentos do povo. *Grobionus* e *Eulenspiegel* são as figuras favoritas.

Para esse estado de coisas contribuíram não pouco as brigas constantes dos lutheranos. A causa protestante teve um infatigavel defensor em Fischart, o poeta mais popular d'aquelle tempo, que nos annos de 1572-74 não cessou de sahir a campo, em prosa e verso, contra os jesuitas.

Por menos agradável que parecesse a vida afeiçoada segundo os principios de Luthero, comtudo ella não deixava de ir em continuo progresso. Para o mal que a Reforma tinha produzido, veio uma grande indemnisação moral. A extincção do celibato fundou com mais força do que todos os compendios uma nova moralidade.

Visivelmente, na passagem de um para outro seculo, mostra tambem a litteratura, que é toda protestante, um impeto para as alturas. Kepler, um dos maiores pensadores que a Allemanha já possuiu, descobriu em 1596 as leis eternas da mechanica celeste. O piedoso Arnd publicou em 1605 o seu livro *Vom Wahren Christenthum*. Vieram depois Jacob Pöhme, sapateiro de Gorlitz com as suas *Morgenröthe im Aufgang* (1612), a que se seguiu uma serie de escriptos analogos, e Valentim Andrea, cujo escripto satyrico do cavalleiro *Rosa-cruz* (1615) deu logar á fundação de uma sociedade secreta. Em 1617 reuniram-se em Weimar um numero de principes e senhores, com o fim de cooperarem para a pureza e nobilitação da lingua allemã, de accordo com modelos latinos e francezes. Ao mesmo tempo começou o silesiano Opitz as suas tentativas de dar ao verso allemão uma medida mais rigorosa; introduziu o *alexandrino*, que dominou seculo e meio, e encheu as suas poesias de allusões classicas.

Em torno de Opitz agruparam-se diversos poetas, que formaram a chamada primeira escola da Silesia, por amor do chefe. Esses poetas — Simon Dach, Paul Flemming, Paul Gerhard, Friedrich Spec e outros — padecem todos da doença do tempo: a prolixidade; — e onde elles comprehendem alguma coisa de grande, as suas

forças não chegam para executal-o. Ha n'ellas todavia o que se possa lêr ainda hoje.

Appareceu então o gosto e predominio do estrangeirismo, que chegou á sua maior florescia, quando em julho de 1654 subiu ao throno o imperador Leopoldo. Filho de mãe hespanhola, elle crescera no meio das tradições da politica e da etiqueta de Hespanha. Seus mestres foram jesuitas, e sua mocidade passada em rigorosos exercicios de devoção. Como imperador, elle fallava hespanhol no seio da familia, e latim com os sabios; os divertimentos da côrte eram italianos. Sempre o odio ao allemão, implantado pelos filhos de Loyola!

A guerra dos *trinta annos* deu á litteratura allemã da época uma côr especial: — o que não respirava necessidade e miseria, pobreza e incultura, era simples ouropel. Isto se nota até no *Lied* sacro, que tomou uma extensão cada vez mais crescente. Todos se haviam habituado a tornar patente a grandeza de Deus só por meio do contraste com a miseria humana. Os hymnos em geral eram fundidos n'este molde ¹.

A Allemanha tinha só ainda do passado uma triste lembrança, nenhuma fé no presente, nenhuma esperanza no futuro. Esta inconsolabilidade exprime-se mesmo nos melhores poetas do tempo. Entre estes figuram os dramaturgos, Andreas, Gryphius, que visitou Paris em 1644, justamente quando apparecia com Corneille um novo rebento da litteratura franceza (a primeira representação do *Cid* fôra em 1636), — e Lohenstein, auctor dos dramas *Cleopatra*, *Agrippina*, *Epicharis* (1661-1665). A prosa de Lohenstein e dos

¹ Volto a accentuar a nossa indigencia em materia de hymnos, mesmo para arredar qualquer susceptibilidade, que as minhas palavras possam ter offendido. Eu quiz sómente fallar de um *hymnario popular*, e não de um *hymnario culto*; quiz fallar sómente dos *cantos sacros*, que o povo inventa, e não d'aquelles que os artistas compõem. N'este ponto, é innegavel que nada temos, digno de attenção, não só nas cidades, como tambem nos campos. Eu já ouvi uma vez (ha cerca de cinco annos) em um rustico *nocturno religioso* entoar-se com todo o sério, em tom de *ladainha* á Santa Virgem, os conhecidos *saphicos* de Castro Alves, que se sabe foram escriptos para uma bella descendente de Israel, mas não de certo a mãe de Deus. O mestre de capella cantava: — *Pomba de esperanza sobre um mar de escolhos*, — e o côro respondia: — *ora pro nobis!* — Dizia o mestre: — *Lirio do valle oriental, brilhante*, — e o côro respondia: — *ora pro nobis!* De novo: — *Estrella vesper do pastor errante*, — e o côro bradava: *ora pro nobis!* Ainda uma vez: *Ramo de murta a rescender cheirosa*, — e o côro sempre: *ora pro nobis!* Ha maior prova da alludida pobreza do que estas e outras profanações?

seus amigos da segunda eschola *silesiana* é ainda muito má. Nas *Heroides* do mais celebrado poeta d'essa eschola, diz J. Shmidt, não se encontra uma linha, que se possa lér com satisfação.

O unico romance, que mostra realmente a vida allemã de então — o aventureoso *Simplicissimus*, — remonta a modelos hespanhoes. O livro appareceu em 1669, teve varias edições e foi muitas vezes augmentado. Seu auctor, — Grimmelshausen, — depois de passar á Egreja catholica, morreu em agosto de 1676.

Em assumptos moraes *Simplicissimus* não sabe de lei nem de regra alguma. Sua historia do casamento é de uma frivolidade sem igual, e elle não sente o menor escrupulo; a coisa lhe parece naturalissima. Não cõhece a *lei*, mas o *sentimento* da fidelidade. Ha d'est'arte em sua natureza uma singular mistura, que é caracteristica da época.

Encerro aqui o presente esboço, que só como esboço mesmo, offereço ao leitor amante das letras allemãs.

TOBIAS BARRETO.

PROJECTO DE ORGANISAÇÃO

DE UMA

SOCIEDADE COOPERATIVA DE CREDITO E SEGUROS

Considerações preliminares

Na idade economica actual das sociedades europeas só devem considerar-se operações de risco, aquellas que são propriamente commerciaes. As instituições que a ellas se applicam tem de ter como base um capital responsavel.

Nem as operações de credito, nem as de seguros, são as operações de risco; a base de capital responsavel é inutil, e portanto nociva, como o provam as numerosas instituições mutuas, existentes e prosperas.

O genuino principio dos institutos de credito e de seguros é servirem a industria e o commercio, serem auxiliares do trabalho e amparo da familia.

E, como taes, o desiderato que devem ter em vista é proporcionar esse serviço pelo minimo preço, sem o sobrecarregar com uma verba de lucro para os individuos que, constituídos em sociedade, se encarregaram de prestar o serviço, especulando com elle.

O typo das sociedades anonymas de credito e de seguros differre, pois, essencialmente do typo de sociedades cooperativas para o mesmo fim; por isso que o principio d'onde nascem é diverso, se não é opposto.

As operações de credito distinguem-se, porém, das de seguros no facto especial de que, praticamente, abonar credito se traduz pela acção de emprestar dinheiro, uma vez que a moeda exprime concretamente o capital.

E o dinheiro, ao mesmo tempo que é capital, é mercadoria, d'onde lhe provém o ter hoje um preço de aluguer, a que se chama juro.

Se, portanto, no credito cooperativo não ha capital que vença dividendo, tem de haver dinheiro que cobre aluguer, sob pena de faltar a materia-prima das operações a que a instituição se destina.

Essa materia-prima tem, pois, de obter-se, como se obtem analogamente as outras materias primas: mediante preço, aluguer, juro, ou como se lhe queira chamar.

O preço, aluguer, ou juro do dinheiro varia, porém, com a natureza do contracto, por via do qual a materia se transmite por locação.

Se o contracto estabelece a favor do devedor as garantias do pagamento ou entrega da cousa locada, a um prazo longo e fixo, o aluguer é mais elevado; se a favor do credor fica o direito de exigir a restituição na occasião em que o queira, o aluguer é menor. D'ahi resulta que o juro abonado por empréstimos a prazo fixo é sempre maior, do que o dos depositos á ordem ou á vista.

O empréstimo a prazo fixo ou á vista, mediante pagamento de juro, eis ahi o meio de obter, para uma sociedade cooperativa de credito, a materia-prima das suas operações.

O preço de aluguer d'essa materia-prima sommada á importancia das mais despezas sociaes, fórma a verba determinante do preço do dinheiro que por sua vez a sociedade mutua ao commercio e á industria, servindo assim o trabalho a preço-de-custo.

Os dados estatisticos das instituições de credito organisadas sob o principio capitalista dão-nos elementos para avaliar a vantagem social do principio da mutualidade.

Tomaremos para termo de comparação o Banco do Povo que é aquelle, cuja esphera de operações mais analogia offerece com as da projectada sociedade, na sua secção do Credito.

O Banco do Povo trabalhou no exercicio de 1876 com um fundo de 200 contos, sendo 80 obtidos por acções e 120 por depositos; foram os seus lucros de 19 contos; pagou por juros de depositos 3 contos; e gastou com a administração 6 (nos quaes o imposto deve ter entrado por aproximadamente 1 conto), distribuindo um dividendo de 9 % e ficando-lhe ainda um saldo que teve applicações diversas.

Sendo a taxa media do desconto 6 %, facil é determinar a redução que o principio mutualista traria a essa taxa.

Supponhamos condições analogas de capital ou fundo, isto é, 120 contos de depositos, trazendo o encargo de 3 contos, e 80 contos de divida contrahida e consolidada a 6 %; os encargos do fundo seriam 8.400\$000 reis, correspondendo ao juro medio de 4,2 %. Juntando a esse encargo as despezas de administração em 5 contos, pois que o imposto não incide sobre a sociedade cooperativa onde não ha dividendo, obtem-se a cifra que os proventos das operações activas da secção do Credito teriam de cobrir. Essa cifra é 13.400\$000 reis.

Se as operações do Banco do Povo com a taxa media de desconto a 6 % produziram 19 contos; se na sociedade cooperativa as mesmas operações não devem produzir mais que 13.400\$000 reis, claro é que a taxa do juro, ou o preço medio do desconto, teria baixado de 6 a 4,23 %.

E como o principio da instituição é effectuar as operações activas com um passivo só constituido por depositos; como o desiderato é a amortisação rapida do emprestimo consolidado, cujo caracter é o de um propulsor inicial; quando o fundo de 200 contos fosse exclusivamente constituido por depositos de 3 %, os encargos totaes baixariam a 11 contos; e, para massa igual de operações, a taxa baixaria tambem a 3,47 %.

A fórma de deposito a prazo ou á vista é aquella sob a qual o emprestimo mais vantajoso se torna para a instituição que o toma. O seu preço é menor do que o de qualquer outra operação de mutuo, por isso mesmo que o dono da materia ou credor tem n'este caso a maxima facilidade de reaver o que é seu.

No emprestimo consolidado por escriptura ou obrigações parcelares e negociaveis, o preço é sempre superior, por isso mesmo que o reembolso é anteriormente determinado, e que o devedor não póde ser compellido.

Mas no deposito que é um emprestimo, sem outra garantia especial além do credito do estabelecimento que o toma, dá-se condição differente do emprestimo consolidado, que tem sempre como garantia, ou a hypotheca de immoveis, ou outra economicamente positiva. Por isso os depositos affluem com a reputação crescente dos bancos, e fogem quando ella diminue.

Seria pois temerario esperar formar desde logo com depositos o fundo de dinheiro necessario ás operações de uma cooperativa de credito. A constituição d'esse fundo deveria partir da consolidação de um emprestimo por obrigações parcelares negociaveis.

Os portadores d'essas obrigações, donos do fundo, representa-

dos na assembléa da sociedade, da qual a administração é delegada, teriam assim, além da hypotheca de todo o activo da sociedade, a inspecção directa da applicação do fundo.

Mas como a fôrma de emprestimo por depositos é preferivel por mais barata, as obrigações emittidas, livremente amortisaveis, iriam sendo cancelladas á medida que o ingresso de depositos fosse proporcionando os meios de satisfazer ás operações da sociedade.

Os depositantes, credores afinal unicos da sociedade, gozariam de garantias em tudo iguaes aos portadores de obrigações.

A reunião das operações de credito e de seguros dentro d'um mesmo estabelecimento, em duas secções embora independentes, não é apenas um expediente. Funda-se ao contrario na comprehensão verdadeira do principio da mutualidade.

O credito e os seguros são as duas fôrmas sob que o trabalho se acha immediatamente em contacto com o capital dentro dos moldes da sociedade economica em que vivemos. Um e outros, credito e seguros, são os subsidiários do trabalho, que devem existir fundados nas economias do trabalhador e organizados de um modo independente, e livre dos pesados salarios que cobram as companhias bancarias e seguradoras operando capitalistamente.

Ora as duas operações como que se completam uma á outra, e formam conjunctamente um circulo normal, e uma instituição completa na verdadeira expressão da palavra.

A economia do trabalhador, consolidada pelo pagamento das quotas de seguro de toda a especie, constitue um fundo, que, sob fôrma de emprestimo-deposito, é por sua vez o fundo para operações de credito. As economias tornam-se por tal modo duplamente fecundas, sob fôrma de seguro primeiro, e logo sob fôrma de credito a preço-de-custo.

Desapparecendo d'este circulo de operações a intervenção capitalista, para que n'elle não ha logar necessario, banida d'esta especie de serviço a falsa idéa de commercio, desapparece o factor do lucro ou dividendo que primeiro oneraria a taxa do seguro, para onerar depois a taxa do desconto.

Se o principio mutualista seria n'este caso pela primeira vez applicado ao credito; não o seria da mesma fôrma aos seguros, onde ha muito que está em pratica nos Monte-pios, dos quaes o Monte-pio geral de Lisboa nos offerece um exemplo por muitos titulos notavel.

Os seguros podem dividir-se em tres categorias: a) materiaes; contra incendios; b) individuaes; contra doença, falta de trabalho, recrutamento; c) familiares; como amparo de viúvas e orphãos.

As duas primeiras categorias formam uma unica sob o ponto de vista economico ; e a terceira fórma outra. Distingue-as o facto de que, na primeira, os encargos ou sinistros se balançam annualmente com as quotas, segundo as tabellas de medias conhecidas, bastando um pequeno fundo de reserva para supprir a eventualidade d'um encargo ou sinistro extraordinario ; — ao passo que na segunda as quotas accumuladas vão constituir um fundo permanente, cujos redditos sommados ás receitas annuaes ordinarias, têm de supprir a importancia annual das pensões de viuvez e orphanidade.

Os fundos de reserva dos seguros da primeira categoria, e o fundo permanente dos da segunda, constituirão o nucleo principal do fundo para o credito, sob fórma de deposito com attribuição de juro ; e em torno d'esse deposito virão juntar-se os depositos particulares temporarios, vencendo igualmente juro.

Da mesma fórma porém que não é licito esperar poder começar a funcionar como instituição de credito só com os depositos d'esta ultima natureza, porque elles só irão affluindo com o tempo e com o credito da sociedade, outro tanto deve dizer-se dos depositos do fundo de seguros cuja formação é sempre lenta.

Os seguros effectuados pelo Monte-pio geral são apenas dos que consideramos de segunda categoria : pensões de viuvez e orphanidade. O fundo permanente d'essa próspera instituição mutualista sóbe hoje a 940 contos de reis, que a sociedade emprega em operações bancarias.

O principio mutualista que preside ao systema dos seguros não abrange porém n'essa associação o credito ; pois o Monte-pio geral opéra bancariamente sob o principio capitalista do lucro. No exercicio de 1876 o seu fundo rendeu-lhe o lucro, juro ou dividendo de 110 contos ou cerca de 12 por cento. Esse dividendo, em vez de ser distribuido por accionistas, como seria n'um banco, foi engrossar o fundo dos seguros.

Uma vez que na sociedade projectada o fundo dos seguros é applicado a operações de credito vencendo como deposito apenas o juro de 3 por cento, claro está que os subscriptores de seguros familiares, ou da 3.^a categoria, lucrariam immediatamente mais em que esse fundo fosse empregado capitalistamente.

Este apparente lucro immediato desaparece porém logo que se considere : 1.^o que o subscriptor o é tambem dos seguros materiaes e individuaes, nos quaes desde logo lucra a economia proveniente do principio mutualista ; 2.^o que, e principalmente, o credito é tão

geralmente necessario como o seguro, e que, portanto, o apparente prejuizo soffrido n'uma secção é desde logo compensado na outra.

Suppondo que o fundo prestado á secção do credito o era a razão de 12 por cento, é evidente que a quota que eu, asegurado, teria a pagar, baixava em relação; mas o juro do fundo iria encarecer a taxa do desconto, e eu, ao effectuar uma operação de credito, desde logo pagaria a mais n'uma secção o que teria deixado de pagar na outra.

Além d'estas observações, que tiram todo o valor economico á objecção, não devem esquecer outras de ordem social. O principio do commercio e do lucro quando preside ás operações de credito é causa da agiotagem criminosa e arruinadora do trabalho; a capitalisação do fundo em papeis publicos, além de tornar impossivel a fecunda instituição do credito mutuo, concorre para favorecer o systema de dividas nacionaes consolidadas, poderosa fonte de desordem social-economica, e origem da dissipação fazendaria.

Dir-se-hia ainda que os emprestimos feitos sob fórma de depositos pela secção dos seguros á secção do Credito deveriam ser gratuitos, uma vez que as duas secções são partes de um todo uno, e que o abono de juros se reduz a uma simples transferencia de conta.

Não é porém assim; o abono do juro normal é necessario e essencial. O fundo das pensões de orphandade e viuvez é sim o nucleo do fundo para o credito; mas nem os seguros subsidiam o credito, nem vice-versa. São operações que se combinam e se reúnem, porque se completam reciprocamente; mas são operações que têm de viver independentes.

O fundo dos seguros entra na natureza commum de materia-prima necessaria ás operações do credito, e cujo aluguer ou juro estas tem de pagar, quer seja á secção dos seguros quer a particulares e com maior fundamento á primeira, pois que d'esse aluguer sahem em parte as pensões; d'outra fórma tal fundo não teria razão de ser, nem se deveria consolidar.

A representação e administração de uma sociedade cooperativa assentam em principios diversos dos que presidem ás sociedades capitalistas, onde ha donos que gerem cousas suas, onde o accionista e o devedor, mutuario e mutuante, se encontram n'uma situação antagonica.

N'uma sociedade cooperativa não são só os representantes do passivo que como os credores têm de fazer-se ouvir, são tambem

os representantes do activo, os devedores, pois que a instituição é para elles feita e para mais ninguem.

O segurado é ao mesmo tempo segurador ; o credor é tambem devedor, o depositante de hoje leva amanhã á sociedade o seu papel para que lh'o descontem.

Todas as vozes, todos os interesses, intima e harmonicamente ligados, tem de ser ouvidos e representados n'uma sociedade, cujo principio substitue, ao antagonismo, a solidariedade.

(Continúa).

OLIVEIRA MARTINS.

ORADORES SAGRADOS — POESIA RELIGIOSA E PATRIOTICA

(Continuação)

Frei Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio, (1778-1830). — Foi um orador que se distinguiu dos seus companheiros por uma certa energia de phrase. D'elle nos restam poucos especimens oratorios publicados.

É impossivel fazer por elles a psychologia litteraria do illustre franciscano. O sermão é um genero que não deixa grandes entradas á individualidade, tem um molde certo, doutrinas preestabelecidas; é um genero de ornato e convenção. Todavia, ouçamos um fragmento de Sampaio, e seja um em que elle falla do Brazil. Pedro I restabelecera-se d'uma molestia, e por occasião de um *Te Deum* de graças, disse o orador:

«Contai, contai, senhores, com a desgraça do Brazil, com a queda do nosso systema constitucional, com a espoliação de vossas riquezas, com a perda de vossa segurança, com a vergonha dos ferros do mais atroz despotismo, com os flagellos da anarchia, com a humilhação da nossa independencia, com o eclipse, emfim, do Brazil, se perdemos o Imperador. Que triumpho para os partidos de opposição contra o systema monarchico constitucional! Veriamos reproduzida n'este imperio a sorte infeliz da Macedonia depois da morte d'aquelle que levou suas armas em triumpho sobre as ruinas dos imperios da grande Asia. A historia das nações nos mostra que bem raros são os principes zelosos da prosperidade dos povos; nos mostra mais que quando as revoluções chegam a suffocar o poder supremo, poder de moderação para segurança do equilibrio nacional, os povos experimentam males incalculaveis; e depois de exauridas as forças de sua paciencia, não duvidam entregar os

pulsos a quem os submeter debaixo do jugo da escravidão, com promessa de poupar seu sangue... »¹

N'este gosto continúa o frade orador: são palavras de um homem ingenuo, illudido sobre os meritos politicos de Pedro I, mas são palavras de um espirito liberal.

Agora surge-nos de frente a figura mais accentuada de

Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, (1779-1825). — O frade pernambucano, poeta e orador, politico e jornalista, foi um supplicado do primeiro reinado.

Os bajuladores cortezãos em suas escavações sobre o pulpito no Brazil, calam cuidadosamente o nome de fr. Caneca, o que não admira a quem lhes conhece a sanha adulatoria; calam tambem os nomes de um Barreto em Pernambuco, de um fr. Bastos na Bahia, e d'outros illustres espiritos, por certo superiores aos sermonistas do Rio de Janeiro. Julgando que o desenvolvimento intellectual do Brazil é um negocio de encomenda fluminense, uma cousa que se decide e decreta nas dependencias do paço, os aulicos litterarios recuam horrorisados diante da victima de Pedro I, e diante dos vultos notaveis das provincias! Qualquer que seja o juizo que se possa formar da revolução de 24 em Pernambuco, e esse juizo não entra no plano d'este livro, não occulto a sympathia que me merece o nome de fr. Caneca.

Gósto d'este frade ousado e intelligente, decidido e entusiasta, que se deixou sacrificar n'uma revolta mal projectada. Não era um doutrinario, um organisador; não era tambem um conspirador de todos os instantes; não era um Danton nem um Mazzini; era um caracter capaz de sacrificar-se por um partido. Já é muito no Brazil, onde a chateza das almas não é phenomeno raro. Depois dos tres rhetoricos que já vimos, será grato ao leitor avistar-se agora com um *homem*.

Caneca é a mais nitida encarnação do espirito revolucionario do começo d'este seculo no Brazil. Temos hoje elementos para conhecê-lo a fundo. D'elle nos restam cartas, poesias, artigos politicos, polemicas, sermões e um interessante *Itinerario ao Ceará*, quando fez o seu exodo revolucionario até os altos sertões d'aquella provincia, depois da tomada do Recife em 1824.

Era um homem simples, intelligente, decidido e maniaco pela liberdade brasileira.

Implicado no movimento revolucionario de 1817, foi preso,

¹ Apud Ramiz Galvão, *O Pulpito no Brazil*, pag. 161.

posto a ferros, mettido no porão de um navio e enviado para a Bahia, onde jazeu encarcerado alguns annos. — De volta ao Recife, pouco depois foi o director da revolução de 24. — Pedro I havia dissolvido a constituinte e offerecido á nação o seu projecto de constituição. Aos desgostos accumulados em Pernambuco, veio juntar-se mais este. Caneca prégou a resistencia e d'ahi a lucta. Teve, porém, a fraqueza de tomar por chefe o inepto Paes de Andrade. Chamado pela camara da capital a dar o seu voto sobre o projecto constitucional, o carmelita expressou-se contra elle e seu parecer correu impresso.

Desde então, sempre e sempre prégou a resistencia. Fundou um jornal politico, o *Typhis Pernambucano*, que deve ser lido como um repositório de ideias e juizos sobre os acontecimentos e sobre os homens de 1824. Pedro I, os Andradas, Silva Lisboa, o padre Moniz Tavares, são julgados desapiedadamente, mas com um fundo de justiça admiravel. Dos sermões e das poesias de Caneca, restam-nos poucos especimens, que perdem todo o interesse diante de seus escriptos politicos.

A nota predominante do seu temperamento moral era o patriotismo. Imbuído das ideias liberaes espalhadas pelo mundo pelos publicistas francezes do fim do seculo passado, o nosso republicano era um homem de boa-fé, honesto e sem tergiversões. Ia direito á sua propaganda, levado pelo desinteresse e pelo enthusiasmo. Era amigo de Cypriano Barata, de Filgueiras, de Tristão Araripe, dos republicanos do seu tempo; era o mais sincero e ousado de todos elles. Nada de artificios litterarios nos seus escriptos; é grosseiro naturalmente, por indole, na polemica; é singelo tambem por indole, no *Itinerario ao Ceará*. Como revelação de um character, este pequeno escripto vale mais do que os quatro volumes de sermões de Mont'Alverne. A liberdade da sua provincia ou do Brazil, foi o tormento de Caneca e a sua constante preocupação.

A patria roubou-lhe todo o coração e a ella dedicou-se elle. Tinha um inimigo innato, perpetuo: era o portuguez, o *marinheiro*, como sempre escrevia. Sonhava um Brazil autonomo, confederado, republicano, livre para sempre da lepra lusitana. Por estas ideias foi fuzilado a 13 de janeiro de 1825.

Não lhe farei agora lamurias por tal genero de morte. É-lhe um titulo de mais. É patente que n'aquelle tempo os homens sabiam o que queriam, tinham a coragem das suas convicções, eram capazes de morrer por ellas. A questão que levou Caneca ao supplicio era, no fundo, uma questão de fórmula, mais do que de doutrina: queria uma constituição fabricada por uma assembléa e não outorgada por um principe. Prégou por isso a revolta e sonhou com a republica. Hoje, nem nas mais palpitantes questões sociaes

e politicas, são entre nós capazes de suscitar um protesto, os mais acerbos vilipendios praticados pelos governos!

A fibra patriotica está adormecida no coração brasileiro. A lethargia, partida da côrte, ha chegado aos extremos do paiz. O grande cyclo historico que vem de 1750 a 1831, teve por continuação o periodo morno e vil que hoje nos suffoca. Por isso, como uma aura de outros tempos, ouçamos ainda agora o protesto de Caneca d'encontro ás machinações, ás ousadias matreiras do 1.º Pedro. Chamado a jurar o projecto de constituição offerecido pelo imperador, disse, entre outras cousas, o seguinte: «... Uma *Constituição* não é outra cousa, que a acta do pacto social, que fazem entre si os homeñs, quando se ajuntam e associam para viverem em reunião ou sociedade. Esta acta, portanto, deve conter a materia sobre que se pactuou, apresentando as relações em que ficam os que governam e os governados; pois que sem governo não pôde existir sociedade.

« Estas relações, a que se dão os nomes de direitos e deveres, devem ser taes, que defendam e sustentem a vida dos cidadãos, a sua liberdade, a sua propriedade, e dirijam todos os negocios sociaes á conservação, bem-estar e vida commoda dos socios, segundo as *circumstancias de seu character, seus costumes, usos e qualidade do seu territorio, etc.* — *Projecto* de constituição é o rascunho d'esta acta, que ainda se ha de tirar a limpo, ou apontamentos das materias que hão de ser ventiladas no pacto, ou, usando de uma metaphora, é o esboço na pintura, isto é, a primeira delineação, nem perfilada, nem acabada. Portanto, o *projecto* offerecido por S. M. nada mais é que o apontamento das materias sobre o que S. M. vai contractar comnosco. Vejamos, portanto, se a materia ahi lembrada, suas divisões e as relações d'estas são compatíveis com as nossas circumstancias de independencia, liberdade, integridade do nosso territorio, melhoramento moral e physico, e segura felicidade. Sendo a nossa primeira e principal questão, em que temos empenhado nossos esforços, brio e honra, a *emancipação e independencia de Portugal*, esta não se acha garantida no *projecto* com aquella determinação e dignidade necessaria; porque: — 1.º no *projecto* não se determina positiva e exclusivamente o territorio do imperio, como é de razão, e o têm feito sobriamente as constituições mais bem formadas da Europa e America; e com isto se deixa uma figa, para se *aspirar á união com Portugal*; o que não só trabalharam por conseguir os *despotas da Santa-Alliança* e o rei de Portugal, como o manifestam os periodicos mais apreciaveis da mesma Europa e as *negociações do ministerio portuquez com o do Rio de Janeiro*, e a correspondencia d'aquelle rei com o *nosso imperador*, com o que S. M. tem dado fortes indicios de estar d'accordo, não

só pela dissolução arbitraria e despotica da soberana assembléa constituinte, e prohibição da outra que nos havia promettido, mas tambem, além de muitas outras cousas, porque se retirou da capital do imperio para não solemnizar o dia 3 de maio, anniversario da installação da assembléa, que por decreto era dia de grande gala; e no dia 13, dia dos annos do rei de Portugal, S. M. deu beija-mão no paço e foi á ilha das Enxadas, onde se achavam as tropas portuguezas, vindas de Montevidéo, estando arvorada com o maior escandalo a bandeira portugueza; 2.º porquanto ainda que no 1.º artigo se diga, que a nação brasileira não admite com outra qualquer laço algum de união ou federação, que se opponha á sua independencia, comtudo esta expressão é para illudir-nos; pois que o executivo, pela sua oitava attribuição (art. 102.º) pôde ceder ou trocar o territorio do imperio ou de possessões, a que o imperio tenha direito, e isto independentemente da assembléa geral; 3.º porque jurando o imperador a integridade e indivisibilidade do imperio, não jura a sua independencia. — Ao depois, é este juramento contradictorio com esta oitava attribuição; porque se S. M. jura a indivisibilidade do imperio, como pôde ceder ou trocar o seu territorio? Só se isto se deve entender de ceder o territorio do imperio todo por inteiro e passar-nos então a todos, com familias e haveres, ou para os desertos da Tartaria, ou para os d'África, ou, afinal, para os Botecudos, entregando as nossas cidades e villas ao que com elle contractar. O art. 2.º não pôde ser mais prejudicial á liberdade politica do Brazil; porque permittindo que as provincias actuaes soffram novas sub-divisões, as reduz ao imperio da China, como já lembrou e conheceu igual machiavelismo no projecto dos Andradas o deputado Barata; *enfraquece as provincias, introduzindo rivalidades*, augmentando os interesses dos ambiciosos para melhor poder subjugal-as umas por outras; e esta desunião tanto mais se manifesta pelo art. 83.º, em que se prohibe aos conselhos provinciaes de poderem propôr e deliberar sobre projectos de quaesquer ajustes de umas para as outras provincias, o que nada menos é, que estabelecer a *desligação das provincias entre si* e fazel-as todas dependentes do governo executivo, e reduzir a mesma nação a diversas hordas de povos desligados e indifferentes entre si, para melhor poder em ultima analyse estabelecer-se o despotismo asiatico.

« O poder moderador *de nova invenção machiavelica* é a chave mestra da opposição da nação brasileira e o garrote mais forte da liberdade dos povos. Por elle, o imperador pôde dissolver a camara dos deputados, que é a representante do povo, ficando sempre no goso dos seus direitos o senado, que é a representante dos apañiguados do imperador. Esta monstruosa desigualdade das duas ca-

maras, além de se oppôr de frente ao systema constitucional, que deve chegar o mais possivel á igualdade civil, dá ao imperador, que já tem da sua parte o senado, o poder de mudar a seu bel-prazer os deputados, que elle entender que se oppõem aos seus interesses pessoases, e fazer escolher outros de sua facção, ficando o povo indefezos nos attentados do imperador contra seus direitos, e realmente escravo, debaixo porém das fórmas da lei, que é o cumulo da desgraça, como tudo agora está succedendo na França, cujo rei em dezembro passado dissolveu a camara dos deputados, e mandando-se eleger outros, foram ordens do ministerio para os departamentos affirm de que os prefeitos fizessem eleger taes e taes pessoas para deputados, declarando-se-lhes logo, que quando o governo empregava a qualquer era na esperança de que este marchará por onde lhe mostrassem a estrada. Demais, eu não concebo como é possivel que a camara dos deputados possa dar motivos para ser dissolvida, sem jámais poder dal-os a dos senadores. A qualidade de ser a dos deputados temporaria e vitalicia a dos senadores, não só é uma desigualdade, que se refunde toda em augmentar os interesses do imperador, como é o meio de crear no Brazil, *que felizmente não a tem, a classe da nobreza oppressora dos povos*, a qual só se tem attendido n'aquelles povos, que foram constituídos depois de já terem entre si seus duques, seus condes, seus marquezes, etc. E este é o mesmo fim da attribuição undecima do poder executivo, que na minha opinião é o braço esquerdo do despotismo, sendo o direito o ministerio organizado da maneira que se vê no *projecto*. — Podem os ministros d'Estado propôr leis, (art. 53.º) assistir á sua discussão, votar sendo senadores e deputados (art. 54.º). Qual será a cousa, portanto, que deixarão elles de conseguir na assembléa geral? Podem ser senadores e ministros, (art. 30.º) exercitando ambos os empregos de senadores e ministros, e o mesmo se diz dos conselheiros, (art. 32.º) ao mesmo tempo que o deputado, sendo escolhido para ministro, não pôde conservar um e outro emprego; isto além de ser um estatuto sem o equilibrio, que deve haver entre os mandados e o mandante, é um absurdo em politica, que aquelles que fazem ou influem na factura das leis sejam os mesmos que as executem, e não se pôde apresentar uma prova mais authentica da falta de liberdade do *projecto*, do que esta.

.....
 « A suspensão da sancção imperial a qualquer lei formada pela assembléa geral por duas legislaturas (art. 65.º) é inteiramente ruinosa á felicidade da nação, que pôde muito bem depender de uma lei, que não deva admittir uma dilação pelo menos de oito annos, muito principalmente quando vémos, para poder passar a lei

como sancionada, pela dilação do tempo, é indispensavelmente necessario, que as duas legislaturas seguintes insistam a eito sobre a mesma lei (art. 65.º). A oitava attribuição do poder executivo, que é de fazer tratados de alliança defensiva e offensiva, levando-os depois de concluidos ao conhecimento da assembléa geral, é de muito perigo para a nação, pois que ella não intérfere com o seu conhecimento e consentimento em negocio de tanta importancia, muito principalmente quando se vê que o mesmo executivo julga necessaria a approvação prévia da assembléa geral, para execução dos breves, letras pontificias, decretos de concilios, quando envolverem disposição geral (art. 14.º).

«A attribuição privativa do executivo de empregar como bem lhe parecer conveniente á segurança e defeza do imperio a força armada de mar e terra (art. 148.º) é a corôa do despotismo e a fonte caudal da oppressão da nação e o meio de que se valeram todos os despotas para escravisar a Asia e a Europa, como nos conta a historia antiga e moderna.

«Pelos artigos 55.º, 56.º, 57.º, 58.º e 59.º, a camara dos deputados está quasi escrava da dos senadores, e o remedio que se applica, em caso de discordia, me parece palliativo, obscuro e impraticavel.

«Os conselhos das provincias são uns méros phantasmas para illudir os povos; porque devendo levar suas decisões á assembléa geral e ao executivo conjunctamente, isto bem nenhum pôde produzir ás provincias; pois que o arranjo, attribuições e manejo da assembléa geral faz tudo em ultimo resultado depender da vontade e arbitrio do imperador, que arteiramente avoca tudo a si, e de tudo dispõe a seu contento e pôde opprimir a nação do modo mais prejudicial, debaixo das fórmas da lei. Depois, tira-se aos conselhos o poder de projectar sobre a execução das leis, attribuição esta, que parece de summa necessidade ao conselho; pois que este mais que nenhum outro, deve de estar ao facto das circumstancias do lugar, etc., da sua provincia, conhecimentos indispensaveis para a commoda e fructuosa applicação das leis... É principio conhecido pelas luzes do presente seculo, e até confessado por S. M. que a soberania, isto é, aquelle poder, sobre o qual não ha outro, reside na nação essencialmente e d'este principio nasce como primaria consequencia, que a mesma nação é quem se constitue, isto é, quem escolhe a fórma do governo que distribue esta summa auctoridade nas partes que bem lhe parece, e com as relações que julga mais adequadas ao seu augmento, segurança da sua liberdade politica e sua felicidade; logo é sem questão que a mesma nação, ou pessoa de sua commissão, é quem deve esboçar a sua constituição, purificar-a das imperfeições, e, afinal, estatuil-a; portanto, como S.

M. não é nação, não tem soberania, nem commissão da nação brasileira para arranjar esboços de constituição e apresental-os, não vem este projecto de fonte legitima, e por isso se deve rejeitar por *excepção de incompetencia*. Muito principalmente quando vemos que estava a representação nacional usando da sua soberania em constituir a nação, e S. M. pelo mais extraordinario despotismo e de uma maneira a mais hostil dissolveu a soberana assembléa, e se arrogou o direito de projectar constituições... Em S. M. não ha attribuição alguma, d'onde se possa deduzir o poder de nos dar constituição e mandal-a jurar, porquanto o titulo de *imperador com que o Brazil extemporaneamente o condecorou*, não foi mais que uma declaração antecipada de que elle seria o chefe do poder executivo no systema constitucional, que proclamamos, com um certo poder provisorio, que se fazia indispensavel para preparar a nação para o effeito de se constituir como mesmo S. M. confessou no dia 3 de maio, na abertura da assembléa soberana, o qual poder provisorio cessou com a abertura da assembléa, e as attribuições que elle teria, ainda haviam de ser declaradas pela mesma assembléa; é por isso que S. M. a dissolveu: *as suas attribuições são tudo aquillo que lhe adquirirem as suas armas e lhes cederem a fraqueza e o medo dos povos...* É por todas estas razões, que eu sou de voto, que se não adopte e muito menos jure o projecto de que se trata, por ser inteiramente máo, pois não garante a independencia do Brazil, ameaça a sua integridade, opprime a liberdade dos povos, ataca a soberania da nação e nos arrasta ao maior dos crimes contra a divindade, qual o perjurio, e nos é apresentado da maneira mais coactiva e tyrannica. ¹ »

(Continúa.)

SYLVIO ROMÉRO.

¹ *Obras Políticas e Litterarias de Frei Caneca*. Recife. 1875, 1.º vol., pag. 41 e seguintes.

POESIA PHILOSOPHICA E SCIENTIFICA

I

Na poesia moderna reflecte-se tambem a evolução que renova e transforma as outras obras de imaginação? A nova fórmula naturalista será contraria ás leis da poetica? Até que ponto exerce a sua influencia sobre a poesia o grande movimento vitalizador da sciencia moderna?

Estas interrogações resumem um dos problemas que, em meio da grande renovação litteraria que modernamente se opéra, mais poderosamente preoccupam os espiritos no campo especulativo da arte.

Ouve-se de quando em quando alguma voz presaga que pranteia a agonia da poesia; os espiritos melancolicos e as almas sentimentaes, a um tempo, rendem á illustre defunta as derradeiras honras funebres e lagrimejam desoladamente sobre o prosaismo da época. Tudo se esterilisa ao sopro arido e calcinante do positivismo philosophico e scientifico; empallidece no seu eterno esplendor o sol do ideal; já não vibra entusiastica e sonora a lyra dos grandes poetas. Vão-se os deuses; esfria a inspiração poetica, esta grande consoladora da humanidade; extingue-se a centelha vivificadora roubada por Prometheo ao fogo do céu; expira este bafejo ardente

de lyrismo que embalou as ultimas gerações ao sabor das brisas do lago que beijaram a fronte de Lamartine; perpassa desoladora e mortifera a aza sinistra do espirito novo e arraza n'um impeto de cataclysmo o alvo ninho das nossas crenças e das nossas illusões.

A avalanche das descobertas scientificas que já vem das cumiadas do seculo xvii leva no seu impulso derruidor a radiosa flôr da inspiração poetica, e, ao passo que Pascal e Montesquieu já desdenhavam da poesia, Newton é anathematisado pela bocca de um poeta, porque elle, com a sua irreverencia de sabio, aniquilou a poesia do arco iris reduzindo-a a um prisma.

Mas a poesia não morre em quanto houver uma humanidade que soffre, que lucta e que triumpha; em quanto o homem se infernar no tormento e problema eterno do seu destino.

Sómente, mudando as condições da vida, transformando-se a humanidade na lenta marcha da sua educação e aperfeiçoamento, o que hontem nos apaixonava não é o que amanhã nos ha de emocionar. A uns ideaes succedem outros ideaes, a umas crenças outras crenças. Não assistimos ao trespassse da poesia, mas á sua transformação.

É do estado de lucta que principalmente dimana a poesia, lucta de sentimentos ou lucta de ideias, lucta que se alimenta d'essa aspiração vehemente dos que representam as forças activas e dynamicas da sociedade, e, nunca contentes do bem relativo, anhelam um ideal absoluto de civilisação. Se a humanidade se immobilisasse n'uma paz paradisiaca pela realisação plena do bem supremo, então a morte da poesia seria inevitavel. Mas emquanto na consciencia universal se debater o problema do destino humano, emquanto a vida fôr um embate de antitheses, um antagonismo de soffrimentos e triumphos, de lagrimas e jubilos, de trevas e luz, o entusiasmo poetico ha de faiscar vibrante e vivaz, como o relampago resalta do choque de duas electricidades; e se hoje dos arraiaes da sciencia, mais do que nunca, é que parte o grito de guerra, é tambem ahí que a inspiração poetica ha de brotar mais vehemente e fulgurante.

O seculo xix, com toda a sua preocupação scientifica, não estanca as fontes da inspiração poetica, mas antes assume a gloriosa missão de supplantar, á luz de uma verdadeira comprehensão, o pretendido antagonismo entre sciencia e poesia. Reconciliando-as mostra-nos, sob um ponto de vista novo, que a concepção poetica da natureza não se extingue pelo conhecimento scientifico e verdadeiro que d'ella se adquire.

É este um dos factos culminantes e caracteristicos destinados a assignalar o seculo xix.

O grande movimento da sciencia moderna, essencialmente evo-

lucionario, dá-nos uma concepção nova da vida, e a arte, que é a expressão mais viva e completa da existencia, ha de necessariamente inspirar-se nas manifestações novas do pensamento humano, no modo de ser com que a humanidade e o universo se revelam á observação sob aspectos muito mais vastos.

É esta a significação do que se chama poesia scientifica. Não se pretende que a poesia se substitua á sciencia, ou que a sciencia se possa adquirir pela poesia em concorrência com os tratados dos eruditos. Para tal fim qualquer tratado é mais proficuo do que o mais scientifico dos poemas; mas não se pretende fazer concorrência ao doutrinamento scientifico; o que se cura de investigar é até que ponto a poesia ha de derivar na corrente do seculo, inspirando-se no que a sciencia tem de mais grandioso e commovente.

Em todos os tempos a arte, nas suas multiplas manifestações, vai acompanhando a humanidade nas suas transformações successivas e com ellas formulando novos ideaes.

Assim é que a poesia na sua infancia, inspirando-se a um tempo na singeleza e na grandiosidade dos heroes, caracteriza-se pela simplicidade homérica: mas Homero, em pleno seculo xix, dar-nos-hia uma epopeia mais complexa sob a influencia das profundas contensões, que, no actual momento historico, agitam e conturbam as consciencias.

A epopeia moderna já não pôde ser nem simples, nem encyclopedica como a *Iliada* e a *Odysseá*, que encerram toda a alma, toda a vida da Grecia antiga desde o apice da ideia religiosa e moral até á rudimentar industria contemporanea. A arte na sua infancia tudo interessa; a imaginação impressiona-se perante as manifestações mais trivias da vida, perante os phenomenos mais simples da natureza, indifferentes aos modernos. Na *Iliada* dizem-se coisas que seriam hoje ingenuas e banaes, e todavia estas coisas singelas são cantadas e sentidas com interesse e enthusiasmo.

Mas o sentimento da natureza e da realidade, por isso mesmo que a vida e a civilização são rudimentares, é mais objectivo do que subjectivo; a observação dos gregos é exacta e fiel; na descrição da natureza vai até ao detalhe, mas sem a profunda sensibilidade dos modernos.

Depois a sensação, volvendo-se no sentimento e na intuição psychologica, é uma superioridade e um progresso que tende para outro progresso pela alliança da psysilogia e da psychologia ou pelo complemento da psychologia mediante os progressos da psychiologia.

A vida moderna mais complicada, nervosa e febril, só pôde ser expressada na poesia pela synthese: nenhum poema poderia ser hoje uma encyclopedia do viver contemporaneo; só condensando-o

na sua expressão mais capital a forma poetica póde traçar-lhe a physionomia.

E mesmo sem equipararmos os extremos d'estas duas épocas, e aproximando mais os termos de comparação, que enorme differença entre a *Divina Comedia* e o *Fausto*, que são a expressão mais avantajada do pensamento em duas épocas proeminentes da vida da humanidade!

Nem mesmo o poema de Gœthe, que, mais apropinquado do nosso tempo, já nos pinta o homem illaqueado nos tormentos da lucta entre a sciencia e a fé, e nos dá os primeiros rebates das duvidas, das perplexidades, das perturbações e das ancias em que se contorce a consciencia para attingir a solução dos problemas que agitam a vida moderna, póde ser a grande epopeia contemporanea.

Hoje que a sciencia rasga com firmeza crescente o véo mysterioso da natureza e, a uma luz nova, nos revela novos aspectos, a poesia, para ser verdadeira, ha de vér a natureza atravez da sciencia.

Quando a propria natureza não é immutavel, a arte não podia immobilisar-se no culto de um ideal invariavel; ella ha de receber sempre as modificações que a façam espelho fiel do espirito das épocas que se vão succedendo e transformando.

É o meio a exercer a sua poderosa influencia sobre a arte; a arte que floresceu hontem n'um determinado meio não é a que vive hoje n'um meio diverso; não morre, mas transforma-se obedecendo á lei da evolução.

O maior genio será aquelle que melhor souber transfundir na obra d'arte o pensamento contemporaneo na sua expressão mais culminante e grandiosa, quando pela intuição se não antecipe, como um vidente, á evolução futura.

É esta a poesia que não morre, a poesia que se ala ousada ás mais altas culminações do pensamento humano. A poesia que morre é a poesia frivola e sentimental, a poesia de um ideal de convenção que já veio do seculo XVIII, talhado pelos moldes dos idyllios pastoris, ericados de arrebiques e enfeites postiços; é a poesia que se petrifica na adoração intransigente e servil dos modelos consagrados; é a poesia que por inercia ou curteza de inspiração se afasta das altas concepções para se dar á banalidade de uns devaneios enervantes, de uns artificios amaneirados de forma, de uns jogos floraes da rima em que não vislumbra sombra de ideia.

A poesia que fica é aquella que porventura incendia o cerebro de André Chénier, quando elle subitamente reanimado sacudia o seu torpor perante a guilhotina, e levava a mão á testa dilatando o olhar pelo espaço, como se para além do instrumento de supplicio

enxergasse alguma coisa que subitamente lhe illuminava o estro mallogrado.

A poesia que fica é a poesia philosophica e scientifica, não da philosophia e da sciencia que se debruçam sombrias sobre cartapacios, mas da philosophia e da sciencia que, depois de sahirem dos gabinetes, dos laboratorios, e dos theatros anatomicos, vão expandir-se na luminosa amplidão em fervida e intima communhão com a natureza. Essa poesia é a que André Chénier tentou no seu *Hermès*, e cujos fundamentos foram lançados por M.^{me} Ackermann e Sully-Prudhomme em França e Theophilo Braga e Teixeira Bastos em Portugal.

O moderno movimento philosophico e scientifico, indo perturbar a paz das velhas crenças, convulsionando a consciencia da humanidade, alterou profundamente a maneira de sentir e comprehender a vida. E n'esta renovação do espirito humano em que se travam luctas da consciencia, conflictos entre um passado que desaba e um mundo novo que surge, tambem ha impetos de paixão, movimentos dramaticos e patheticas emoções.

É um mundo ignorado que se offerece á conquista da poesia; é um manancial de novos elementos poeticos fecundante e exuberantissimo na sua nativa virgindade.

Na epopêa da ideia não ha menos paixão do que na poesia de sentimento; as grandes revoluções intellectuaes tambem perturbam e emocionam, tambem inspiram estrophes sublimes, estos ardentes de um fervido amor — o amor da humanidade.

A inspiração do poeta, em meio do grande desenvolvimento da sciencia moderna, não póde alevantar-se a mores alturas sem percorrer todos os cyclos do saber humano, não para fazer demonstrações didacticãs, mas para se saturar das verdades scientificas que revolucionam a comprehensão do universo.

A sciencia, sob este ponto de vista não esterilisa a inspiração, mas é uma outra *alma mater* que desnuda os seios uberrimos; é sempre a mesma natureza inspiradora, vivificante, mas amplificada, comprehendida e conquistada.

Não é tão pouco a pretendida confusão de arte e sciencia; é antes a arte que alarga o campo da sua acção pela posse da sciencia; é a arte sem ignorancia, mas independente.

Cabido o véo das velhas crenças, é outra a imagem da criação, outra a inspiração do poeta perante a natureza diversamente sentida, outra a sua emoção, outra a pathetica eloquencia dos seus gritos d'alma, outra esta vertigem fremente, indizível, perante a magestade impressionadora do infinito e da grandiosa sublimidade do cosmos.

A contemplação da infinita amplidão azul, vista através da mo-

derna astronomia, é muito mais impressionadora e poetica, do que a concepção que tinham os antigos d'essa immensa cupula feita de esferas de crystal.

As maravilhas da sciencia, a natureza desentranhando-se em prodigios, forçada nos seus arcanos pela curiosidade do homem, essa grande fonte de vida para o espirito, valem bem todo esse mundo sobrenatural e phantastico que se sumiu nos abysmos de um passado que já não resurge.

O homem antigo sentir-se-hia solitario e triste em meio da criação deserta das nymphas, dos faunos e das dryades; a natureza figurar-se-lhe-hia despovoada e inanime, se os bosques susurrantes e as aguas murmuradas não recatassem no seio crystallino a voz mysteriosa de seres invisíveis. Mas quanto mais intensa, exuberante e potente não é a vida revelada pela sciencia? Quanto mais imponentes e impressionadoras não são as forças da natureza comprehendidas em toda a sua verdadeira grandeza do que todas as phantasticas divindades do mundo pagão, do que todos os mythos que representam as potencias da criação?

As ideias e os sentimentos variam e transformam-se successivamente: o sentimento da natureza, o da religião, o do amor e do bello, o do patriotismo e da piedade já não são os mesmos que agitavam o coração de um grego, de um paladino e de um trovador da idade media ou de um artista da Renascença.

O amor que foi sensual na Grecia antiga, na idade media volve-se ao extremo da idealidade mystica. O bello subjectivamente é de todos os tempos e de todas as civilisações; mas, fóra do campo abstracto, a sua expressão não se adstringe immutavelmente ao typo de uma determinada época, e varia sob a influencia do meio, da educação e de outras causas. A belleza que para o mundo antigo se resume na perfeição da plastica e no culto da força e das linhas harmoniosas, e na Renascença retrocede á antiguidade pagã n'um impeto de revolta da carne mortificada, para os modernos tem a sua manifestação suprema no rosto e na expressão. Ascende-se da correcção physica dos membros para o movimento expressivo e intelligente do rosto; remonta-se da franca sensualidade para um sentimento mais nobre e delicado. É uma evolução do sentimento; accentua-se um progresso que tende para o cerebro, onde reside toda a nobreza do homem moderno.

Não concordamos absolutamente com M.^{me} de Staël e Taine, quando affirmam que as artes de imaginação não são susceptíveis de progresso e que, sob o ponto de vista esthetico, os antigos não podiam ser excedidos. O progresso é uma lei que submete á fatalidade da sua acção inquebrantavel todas as manifestações do pensamento. A perfeição e a precisão da arte antiga não alteram a infle-

xibilidade d'este principio. A evolução moderna do sentimento artistico, concentrando-se na expressão, é um progresso. A preeminencia dos antigos na sensação dos aspectos exteriores, requintada pela educação publica que se baseava no culto da fórma, é suplantada pelo aperfeiçoamento moral dos modernos, pela delicadeza da sensibilidade e pela profundeza do pensamento.

E esta evolução do sentimento artistico não é simplesmente uma transformação do gosto que é variavel segundo as nacionalidades, as raças, os climas, as épocas, as condições do meio, e até diverge de individuo para individuo; mas ha n'essa evolução alguma cousa mais que se subordina a uma ordem de principios superiores, dirigentes e mais estaveis que as fluctuações de gosto.

Certamente a imaginação dos antigos não era menos impressionavel do que entre os modernos; a differença, porém, é que a imaginação, na infancia da arte, excita-se ás menores impressões, contenta-se mais facilmente, e captiva-se até das cousas mais triviaes. Ao sentimento esthetico que borbulha em todo o seu viço virginal, do mesmo modo que ao cerebro das creanças, que desabrocha curioso e avido da vida, as coisas mais simples apparecem com todo o prestigio da novidade; tudo interessa e fascina a sensibilidade primeva na singeleza do seu verdor.

Mas com o desenvolvimento da humanidade as civilizações requintam-se; deixa de nos affectar o que hontem nos impressionava e o simples tende para o complexo. Esta evolução natural revela-se na excellencia e superioridade com que os modernos pintam os caracteres e a belleza moral, na profundeza com que manejam a analyse psychologica. N'estas subtilizas complexas do sentimento, na profundeza de observação do mundo moral ha um progresso em confronto com aquelle frescor ingenuo da imaginação dos antigos, traduzido na simplicidade das imagens e adstricto á sensação e aos aspectos exteriores.

A vida humana manifesta-se capitalmente sob um triplice aspecto que se vai modificando com a successão dos tempos, e nas grandes épocas os pontos culminantes d'esta evolução surgem como padrões memorandos que representam as syntheses mais proeminentes do progresso, quer consideremos a humanidade na sua actividade physica, na sua affectividade ou na sua racionalidade. E se as sociedades modernas tendem a transformar-se cada vez mais sob este triplice aspecto, esta transformação ha de reflectir-se necessariamente na arte.

A poesia, embora mais intimamente relacionada com a affectividade, não deixa de receber a influção das outras manifestações. Quando prepondera a actividade physica pelas luctas guerreiras, as epopéas são heroicas como a *Iliada* e a *Eneida*: quando preleva a

affectividade pela influencia religiosa, a epopéa é mystica como a *Divina Comedia*; quando a razão se espraia pelo campo especulativo, entrando de predominar sobre a ideia religiosa, o poema é philosophico como o *Fausto*, e hoje que a sciencia é a chave da vida, a poesia, sob esta influencia, ha de orientar-se para os novos horizontes desvendados pela sciencia, não para ser absorvida por ella, mas para mostrar que no seculo XIX não é menos possivel do que no seculo XVIII a alliança da sciencia com a imaginação.

A imaginação creadora, este instincto esthetico que se não improvisa, e não se adquire pelo esforço da vontade, pelo trabalho, pela erudição, certamente é tudo na obra d'arte, e sem elle, maxime na poesia, são nada todos os outros predicados. O artista é poeta ou pintor do mesmo modo que a ave vôa. A critica malsinou de audaciosa esta affirmativa, e de facto o paradoxo existiria, se por ella se devesse entender que se pôde ser artista sem educação nem apprendizado; mas, dada a condição do dom nativo, o artista é poeta ou pintor, do mesmo modo que a ave vôa depois dos primeiros ensaios.

D'esta verdade os que proclamam o antagonismo entre arte e sciencia tiram argumento para affirmar que a sciencia, com o rigor arido dos seus methodos, com a frieza do raciocinio, com o jugo da disciplina mental, esterilisa o genio creador e extingue o enthusiasmo poetico. Mas não é facil estancar as fontes da inspiração, quando ella brota exuberante e espontanea, assim como seria impotente o esforço para deter uma força da natureza na impetuosidade do seu curso inexoravel. Pôde ser desviada, dirigida e orientada, mas não contrariada ou supprimida. A sciencia não supprime o instincto creador, como tambem não cabe no seu poder o aniquilal-o, mas pôde influir para o seu desenvolvimento e boa orientação.

(Continúa).

JULIO LOURENÇO PINTO.

A EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA DE LISBOA EM 1884

I

A exposição agrícola de Lisboa, que em breve veremos inaugurada na Tapada da Ajuda, vai chamar decerto a attenção publica para as nossas coisas agricolas.

É inutil encarecer as vantagens das exposições; ninguem hoje pôde contestar o alcance enorme d'estas luctas entre os esforços que tendem ao progresso dos melhoramentos materiaes da sociedade, estimulando os indifferentes pela nobre emulação que despertam, e apontando-lhes os exemplos a seguir. Por isso não podemos deixar d'acolher com enthusiasmo a noticia da proxima abertura da exposição de Lisboa, fazendo ao mesmo tempo votos para que os seus resultados correspondam ao que d'ella temos o direito d'esperar.

Não se pôde, por emquanto, prevêr justamente quaes sejam esses resultados; entretanto, até ao ponto em que pelos antecedentes se pôde julgar dos consequentes, sinto ter de me inclinar para a opinião dos que poucas esperanças conservam.

É para lamentar que todas as ideias, que lá fóra produzem resultados magnificos, sejam entre nós completamente esterilizadas, se não redundam mesmo em prejuizo, por cahirem em poder d'um

certo numero d'individuos que com ellas especulam em proveito proprio, tirando-lhes toda a utilidade publica. Não digo que no caso presente aconteça isto, mas os factos, que se têm dado em conjuncturas analogas e anteriores, fazem nascer a desconfiança no animo do publico, seguindo-se-lhe de perto a descrença e, por ultimo, o indifferentismo.

O agricultor não acredita em ócos promettimentos, ri-se dos programmas pomposos, porque sabe por experiencia os resultados que tem colhido em occasiões identicas; depois, a indolencia que nos é peculiar, leva-nos a não reagirmos com a nossa propria iniciativa; d'aqui provém a indifferença, que faz retrahir os concorrentes, que em exposições anteriores foram, porventura, victimas d'especuladores pouco escrupulosos.

Acresce a tudo isto a circumstancia do adiamento da exposição, trazendo a necessidade de pedir aos lavradores novas remessas de productos, para substituir os deteriorados pela espera d'um anno nos armazens da Cordoaria.

Os agricultores accederão a este novo convite? Poderemos censural-os, se o não fizerem?

Tudo isto é bastante irregular; parece impossivel que se considerassem quatro ou cinco mezes bastantes para levar a effeito o que, com mais um anno em cima, não está ainda terminado!

Além d'estas causas, já de si poderosas, acresce a ignorancia e a falta d'instrução, que não deixa vêr aos lavradores os beneficos resultados d'estes certamens, que elles chegam mesmo a ter como inuteis, limitando-se a esperar tudo da iniciativa dos governos, e collocando-se n'um estado de passividade resultante, sem duvida, da influencia de largos annos de regimen absoluto, influencia que em sessenta annos de systema representativo não se tem querido, ou não se tem sabido apagar.

Contribue tambem em grande parte para a falta d'iniciativa particular, que notamos, este excesso de centralisação dos poderes, que faz com que as populações ruraes não tomem interesse pelos negocios publicos, e concentrem as suas attentões exclusivamente na área limitada da sua aldeia, isolando-se de tudo e de todos, ignorando completamente em que situação economica se encontram, e nem sequer pensando em tomarem conhecimento das leis geraes, que regem o desenvolvimento economico das sociedades. A industria agricola, assim collocada, fóra da onda economica moderna, tira por unico resultado o estacionamento e a inercia; e obstinando-se em ficar parada, quando tudo em volta progride, não póde de modo algum satisfazer ás necessidades sempre crescentes das sociedades modernas.

N'um paiz agricola, como a cada passo se ouve dizer que

é o nosso, parece extraordinario que tão pouca attenção se li-gue a estas questões, aliás tão importantes. O primeiro logar entre as demais industrias pertence de direito á agricultura por ser a mais util e necessaria, a que occupa maior numero de braços, a que produz maior somma de riquezas, aquella cuja vitalidade e cujos progressos são o signal mais evidente de prosperidade d'um paiz. Esta verdade mais se accentua ainda, se nos referirmos especialmente a Portugal, e entretanto é para lastimar o estado precario em que se encontra a nossa agricultura; dois grandes males se levantam a escravisa-la: a falta d'instrucção e a falta de capitaes.

Se entre nós se tivesse dado á instrucção publica a importancia que ella tem naturalmente, decerto que, olhando para todo o paiz, o não veriamos quasi exclusivamente victima do desalento e da inercia, da rotina e da ignorancia.

O ensino agricola, instituido entre nós ha bastantes annos, não tem sido, em geral, comprehendido por aquelles mesmos a quem elle devia aproveitar. É frequente ouvir-se em Lisboa que o curso d'Agronomia não tem utilidade, porque não offerece ao-agronomo uma vantajosa collocação futura, visto serem diminutos os quadros do funcionalismo publico n'esta especialidade.

É triste que se diga isto, é triste que se não comprehenda que o Instituto geral d'Agricultura não é um viveiro d'empregados publicos, mas uma escola onde se devem formar bons agronomos, verdadeiros missionarios do progresso agricola, que vão depois espalhar pelo paiz todo a sua influencia benefica.

Que me não objectem pela sua inefficacia n'este ponto, em vista da falta d'aptidão pratica demonstrada pelos filhos do Instituto, quando, ao largarem os bancos da escola, se vão collocar á testa d'uma exploração rural. Além de ser evidente que não é a theoria, nem a pratica que fazem por si só habeis agronomos, medicos, engenheiros, etc., mas as duas reunidas e ajudando-se mutuamente, temos ainda uma outra resposta: o Instituto agricola não fórma lavradores, ministra-lhes simplesmente a instrucção scientifica necessaria para bem comprehenderem a grande variedade dos phenomenos naturaes, que constantemente lhes passam por diante do olhos, e os melhores e mais aperfeçoados methodos de os aproveitar, ou os modificar conforme as necessidades materiaes dos povos.

O agricultor precisa saber botanica, porque baseando-se a sua industria na exploração das utilidades que nos são fornecidas pelas plantas, precisa saber differencar estas umas das outras, para conhecer quaes são as uteis, as inuteis ou perniciosas; precisa estar ao facto dos processos da sua nutrição e reproducção, da estrutura intima dos seus orgãos, da marcha do seu desenvolvimento, das

suas doenças, dos methodos mais aperfeiçoados da sua cultura, afim de colher d'ellas o mais elevado rendimento, etc.

O agricultor precisa saber chimica, porque só por este meio pôde comprehender as diversas ordens de transformações da substancia alimentar desde que é extrahida do sólo pela planta, até se transformar nos diferentes principios immediatos, que formam a contextura dos seus órgãos, conhecimento este fertil em conclusões praticas, pois que sobre elle repousa toda a theoria do emprego dos estrumes.

É tambem pelo conhecimento da chimica que o agricultor pôde comprehender todos os processos da technologia rural, como fermentações, distillações, e os variados fabricos dos lacticinios, dos vinhos, dos azeites, etc.

O agricultor precisa conhecer a mecanica e a hydraulica para saber de que modo deve applicar mais utilmente os diversos motores que tem á sua disposição; para comprehender o trabalho d'uma charrua, a força que exige a sua tiragem, e o seu effeito util; para saber manejar os diversos machinismos, que porventura tenha d'empregar; para saber fazer a irrigação d'um terreno ou proceder ao seu esgotamento e drenagem.

A tudo isto deve o agricultor juntar o conhecimento da Economia politica, porque sendo esta a sciencia, que estuda o modo de producção, repartição e consumo da riqueza no interesse da sociedade, devem as suas leis ser observadas á risca pela producção agricola, sob pena d'esta se conservar estacionaria ou marchar para a ruina.

É esta a instrucção que fornece aos agricultores o Instituto geral d'Agricultura, é esta unicamente a instrucção que aos agricultores deve fornecer o Estado; tudo o mais não tem utilidade alguma, e senão veja-se qual tem sido entre nós a sorte de todas as granjas-modelos e quintas regionaes. Servem antes para descredito do ensino agricola e da agricultura scientifica, do que lhes prestam o auxilio que d'ellas a principio se esperava. Muitas d'ellas parece que foram creadas unicamente para demonstrarem a sua inutilidade e a necessidade de as supprimirem.

O Estado não deve ser agricultor, deve fornecer aos agricultores os conhecimentos scientificos fundamentaes da sua industria e aqui termina o seu officio.

Ora o Instituto não basta por si só para espalhar a instrucção agricola no paiz. Esta escola deverá servir para formar o pessoal d'ensino e os chefes d'explorações ruraes, mas falta-nos a escola para o operario agricola.

Esta deveria começar junto da escola primaria da aldéa e completar-se junto d'um agricultor da propria localidade, a quem os

municípios ou as juntas districtaes dessem uma gratificação conveniente. Parece-me que d'este modo alcançariam resultados mais proveitosos e por menor preço, do que com o actual systema das quintas districtaes cuja utilidade, como já disse, está mais que demonstrado ser nulla.

Para a escolha do agricultor de que fallo, far-se-hiam em cada concelho, concursos de quintas, e herdades, não inferiores a um certo numero de hectares, e pelas que em melhores condições d'aperfeiçoamento se encontrassem seriam distribuidos os rapazes, que ali aprenderiam e se familiarisariam com os modernos processos e praticas agricolas.

Junto do Instituto agricola de Lisboa é de grande utilidade crear-se uma quinta experimental, substituindo completamente a quinta regional de Cintra, por inutil. Esta quinta, simples campo d'experiencias, serviria, por assim dizer, de laboratorio para a demonstração pratica de muitas das disciplinas cursadas no Instituto; e ao mesmo tempo deveria estar organizada de modo a formar regentes agricolas (como hoje a granja de Cintra), que de futuro se disseminassem pelas aldeias, encarregando-se do que poderemos chamar ensino primario agricola.

Todas estas medidas ficariam a cargo dos municípios ou das juntas districtaes, ás quaes se tiraria todo o character politico que actualmente têm. Os conselhos d'agricultura, e as juntas geraes dos districtos, pela maneira por que hoje são eleitas e constituídas, — tendo por presidente o governador civil, representante do governo, e, por este facto, politico até á medulla, — são unica e exclusivamente centros eleitoraes, armas directas ou indirectas, de que se servem os governos para se assegurarem as maiorias parlamentares.

Os agronomos dos districtos, delegados do governo central, teriam uma feição inteiramente differente da que hoje têm, e mais semelhante á que têm em França os professores departamentais. As suas funcções seriam: fiscalisar superiormente todos os serviços agricolas do districto; estudar a fundo as suas condições agronomicas e agricolas, e baseados n'este estudo, percorrel-o em épocas determinadas, fazendo conferencias publicas aos agricultores e proprietarios ruraes, com o fim de os esclarecer e têl-os sempre ao corrente das modernas descobertas e invenções, de modo a arrastal-os no movimento geral do progresso, que o seu isolamento lhes não permite d'outro modo seguir; mostrar-lhes as reformas que mais convierem introduzir nos processos de cultura, na alimentação do gado, na maneira d'augmentar a quantidade de materias fertilisantes, que pela maior parte se perdem no campo etc.; desenvolver nos lavradores o amor do progresso, o espirito d'iniciativa,

que faz com que se não espere tudo do tempo e dos governos. N'uma palavra, o agronomo deverá sobretudo estudar o estado da agricultura do seu districto, demonstrar o que ella deveria ser, e indicar os meios.

Póde crêr-se, em a conferencia offerecendo um interesse local, os lavradores vem ouvil-a. Senão veja-se o que se tem dado no districto de Portalegre, como bem claro se deduz do que escreveram nos Annaes agricolas do districto, o agronomo e o intendente da pecuaria.

O essencial é que a conferencia se ocupe de questões d'interesse local, que forneça um ensino real, que indique d'uma maneira precisa os melhoramentos economicamente realisaveis, que se não apoie senão em factos bem reconhecidos e em principios claramente expostos e demonstrados pela sciencia, e sancionados pela pratica; tudo isto exposto em linguagem simples e clara, propria para ser comprehendida pelos agricultores menos illustrados.

Além d'estes serviços, o agronomo deverá reger no Lyceu da capital do districto, um curso d'Agricultura e economia rural, obrigatorio para todos os individuos, que frequentarem o Lyceu.

Mas para que todas estas medidas produzissem bons resultados, seria necessario que os agricultores se convencessem, que é a si proprios, á sua iniciativa, e não á protecção dos governos, que elles hão de dever os meios do seu desenvolvimento e regeneração.

Quanto mais não ganharia o paiz, se os filhos dos lavradores, em lugar de irem para Coimbra, e voltarem de lá com a sua carta de bachareis, para viverem inuteis na sua aldeia, ou mendigarem um emprego pelas portas das secretarias; ou padres para engrossarem as fileiras dos mantenedores da ignorancia, quanto mais não ganharia o paiz se esses rapazes adquirissem uma solida instrucção agricola que os tornasse uteis a si e á sociedade?

Ou quando mesmo estes bachareis, ou padres vão depois dedicar-se á agricultura (que muitos ha n'este caso), não seria melhor que em lugar d'estudarem um curso que de nada lhes serviu, tivessem ido estudar esse outro, que serve de solida base á especialidade a que depois se dedicaram?

É regra, porém, no geral dos nossos lavradores, não mandarem ensinar, sequer, a lér ao filho, que destinam á lavoura, porque estão convencidos (convencimento accumulado em cem gerações) que para se ser lavrador não é necessario possuir estudos especiaes, que um pouco d'experiencia basta para a sua pratica: *o essencial é terem-lhe nascido os dentes no officio.*

D'accordo que um individuo da cidade, habituado a um modo de vida inteiramente diverso da vida agricola, só muito excepcionalmente daria um excellente lavrador, mesmo possuindo o curso

do Instituto agrícola; mas o que de modo algum me poderão contestar é que este curso não forneça um auxilio utilissimo áquelles a quem *os dentes nasceram na lavoura*.

Este erro profundo, em que se conserva a maior parte dos nossos agricultores, tem consequencias gravissimas não só para elles, mas para a sociedade em geral, porque retardando o desenvolvimento das riquezas particulares, retarda por este facto o desenvolvimento da riqueza publica.

Se os rapazes, que se destinam á agricultura, recebessem uma instrução em harmonia com a sua condição social, se o agronomo e o agricultor se achassem reunidos n'uma mesma pessoa, então veriamos dentro em pouco augmentar consideravelmente a producção do sólo e diminuir as despezas das explorações ruraes, pelo emprego judicioso e sensato das conclusões scientificas, na pratica das operações agricolas.

Além de todas estas vantagens, poderia então encontrar-se nos circulos ruraes, os mais numerosos do paiz, uma massa d'eleitores instruidos, que fornecessem ás camaras municipaes, ás juntas e conselhos de districto, membro habeis, intelligentes e honestos, homens praticos e capazes, interessados em todos os melhoramentos locais, conhecedores profundos das necessidades dos povos, porque de perto as haviam observado; então estes teriam representantes esclarecidos, mandatarios independentes, e os seus interesses não seriam tão amiudadas vezes sacrificados a discussões sem importancia.

Para estes bons resultados se conseguirem, seria necessario porém, que os lavradores e proprietarios agricolas se convencessem das verdades, que deixo apontadas.

Se, como acabamos de vér, a instrução está pouco disseminada pela nossa população rural, luctando sempre contra a indifferença, contra a opposição mesmo, que lhe faz o lavrador; — no que diz respeito a capitaes, não nos encontramos em melhores circumstancias. A grande maioria dos nossos agricultores são pequenos proprietarios, que além do seu braço, não possuem outro capital, e que se vêem a miudo na dura necessidade de recorrer á agiotagem que lh'o fornece por um juro pesadissimo, e que, longe de o salvar, lhe completa a ruina.

Torna-se necessario estudar esta questão importante, afim d'encontrar os meios de lhe dar remedio.

Já temos o credito predial que empresta sob hypotheca da terra e dos valores encorporados n'ella e que serve para fornecer os capitales para as grandes obras, que ficam fazendo parte integrante da propriedade, como arroteamentos, drenagens, e outros melhoramentos cujos resultados só se colhem em longos prazos. O que nos

falta é o credito agricola, que toma como base do emprestimo a confiança pessoal inspirada pelo agricultor, os capitaes circulantes empregados na cultura, cuja transformação final são os productos colhidos. Para isto é urgente crear, nos centros ruraes, instituições de credito modestas, destinadas ao pobre, como o credito hypothe-cario é destinado para o rico.

Seria d'alta conveniencia a formação de caixas economicas, onde o lavrador collocasse o fructo das suas economias a render um pequeno juro.

Entretanto é triste verificar que a indolencia do nosso povo, a sua indiferença e a falta d'instrucção lhe não deixe comprehender a situação precaria em que se encontra, e descobrir os meios que tem d'empregar para evitar o futuro imminente que ella lhe prepara.

Esta questão daria margem a largas considerações, mas o espaço não nos sobra e o tempo ainda menos; ficaremos por aqui.

(Continúa).

FILIPPE DE FIGUEIREDO.

BIBLIOGRAPHIA

Fanfarras, por THEOPHILO DIAS — Editor Dolivaes Nunes. S. Paulo, 1882.
1 vol. in-32, de 101 pag.

Quando se abre um volume de poesia brasileira, por mais desconhecido, ha sempre a esperanza de encontrar um trecho lyrico de inspiração viva, de uma paixão eloquente, que se destaca d'entre as imitações reflectidas de escholas anarchicas, que não tendo uma ideia philosophica da arte, a amesquinham na perfeição technica do verso, a cujos adeptos se dá o nome de *parnasianos*. O *parnasiano* é um individuo que não sente, mas possui os recursos da linguagem para simular a paixão; não se impressiona com a vista da natureza, mas calcula os effeitos de uma rima imprevisita que deslumbra, encobrendo a falsidade ou o vazio das suas imagens. O esmero exclusivo da forma, na poesia moderna, não resulta d'um maior desenvolvimento dos recursos da linguagem, mas da inferioridade mental dos que metrificam, extranhos a uma cultura systematica, sem uma concepção synthetica da humanidade na sua grande lueta para chegar a um estado de consciencia; não tendo que dizer, nem achando um destino á sua idealisação, repetem as situações banaes de uma personalidade emotiva, e incidem com todo o esforço dos retoques na belleza exterior da forma. A sombra d'esta habilidade technica é que as mediocridades chegam a impôr-se, desvariando e deslocando a admiração dos monumentos que verdadeiramente nos elevam. Augusto Comte exprime com clareza esta situação da arte, quando diz: « Uma deploravel aptidão a exprimir o que se não sente nem vê procura hoje um ascendente ephemero a talentos tão incapazes de toda a creação esthetica, como de toda a concepção scientifica. » (*Polit. posit.*, 1, 281.) Emquanto esta situação durar, isto é, emquanto os que cultivam as manifestações estheticas não tiverem uma larga cultura scientifica e concepções philosophicas sobre o conjunto do mundo physico e moral, os artistas esgotar-se-hão na anarchia emocional, da mesma forma que ainda nas sciencias os sabios se fecham em especialidades, e em politica os que governam exercem o poder em uma acção sem plano. Tudo é solidario no meio social; a uma

politica pedantocratica, corresponde uma arte parnasiana. No entanto, n'essa alluviação de livros de versos, que apparecem sem destino, e sem acção sobre a sociedade, que nem são o testemunho de uma vocação inconsciente, apparece por vezes uma ou outra joia, que importa colher e salvar do esquecimento. Ao cair-nos na mão o pequeno livro das *Fanfarras*, cujo titulo exprime o lado exterior, ruidoso e sonoro da poesia contemporanea, depa-ramos com um poemeto, que define o merito artistico do seu auctor, e que nos leva a augurar a superioridade da sua vocação. Esse poemeto intitula-se *A Matilha*; elle vale todo o livro, ou por outra, o livro não tem mais nada, mas tambem em toda a poesia brasileira não ha uma composição mais exaltada e ardente como a sensualidade juvenil que ressumbra n'esse canto. *A Matilha* é uma imagem desenvolvida, em que o instinto da ferocidade sanguinaria se identifica com o da impetuosidade sexual. Transcrevemos esse poemeto, verdadeiramente notavel, que é a revelação de um poeta, embora desvairado pela falsa idealisação baudelairiana :

A Matilha

Pendente a lingua rubra, os sentidos attentos,
Inquieta, rastejando os vestigios sangrentos,
A matilha feroz persegue enfurecida,
Allucinadamente, a préza mal-ferida.

Um, afitando o olhar, sonda a escura folhagem;
Outro consulta o vento; outro sorve a bafagem,
O fresco, vivo odor, cálido, penetrante,
Que, na rapida fuga, a victima arquejante
Vae deixando no ar, pérfido e traçoeiro;
Todos, n'um turbilhão phantastico, ligeiro,
Ora, em vórtice, aqui se agrupam, rodam, giram,
E, cheios de furor frenetico, respiram,
Ora, cegos de raiva, afastados, dispersos
Arrojam-se a correr. Vão por trilhos diversos,
Esbrazendo o olhar, dilatando as narinas.
Transpõem n'um momento os valles, as collinas,
Sobem aos alcantis, descem pelas encostas,
Recruzam-se febris em direcções oppostas,
Té que da préza, enfim, nos musculos cansados
Cravam com avidéz os dentes afiados.

Não de outro modo, assim meus sófregos desejos,
Em matilha voraz de allucinados beijos,
Percorrem-te o primor ás languorosas linhas,
As curvas juvenis, onde a volupia aninhas,
Frescas ondulações de fórmãs florescentes
Que o teu contorno imprime ás roupas eloquentes :
O dorso avelludado, electrico, felino,
Que fareja um vapor aromatico e fino;
O cabelo revoltó em aneis perfumados,
Em fôfos turbilhões, elasticos, pesados;
As fibrilhas subteis dos lindos braços brancos,
Feitos para apertar em nervosos arrancos;
A exacta correcção das azuladas velas,
Que palpitam, de fogo entumecidas, cheias,
— Tudo a matilha audaz perlustra, corre, aspira,
Sonda, esquadrinha, explora, e anhelante respira,
Até que, finalmente, embriagada, louca,
Vae encontrar a préza — o goso — em tua bocca.

Simplemente bello! Theophilo Dias achou esta relação profunda entre o mundo physico e o mundo moral. Já Catullo ficou inexcedivel n'essa ode-sinha ao *Pardal de Lesbia*, descrevendo a inveja das morderellas que elle

dava nos dedos da sua dona; e Lope de Vega, no soneto ao melro de Lucinda, que volta para a gaiola vendo-a chorar! A arte é essencialmente synthetica, identifica todas as emoções, quer na realidade com que aviva a visão subjectiva, quer na idealidade com que universalisa o dado objectivo. A direcção philosophica d'este processo, esthetico, na maior parte das vezes casual, é que caracterizará a Arte positiva. O Brazil possui no auctor das *Fanfarras* uma bella organização poetica, um lyrico verdadeiro e apaixonado; oxalá que a objectividade o não absorva, e que encontre uma segura educação philosophica que lhe defina a sua missão social.

THEOPHILO BRAGA.

Discursos politicos, académicos y forenses de D. RAFAEL M. DE LABRA — Primera série — Madrid, 1884 — 1 vol. de 388 pag.

N'esta rapida noticia não nos propomos analysar os quatorze discursos que encerra o volume do snr. Labra, nem sequer dar uma ideia de cada um e do modo como o illustre orador trata assumptos de tão diversa natureza. Seria isso materia para longas paginas, porquanto a par de theses politicas e economicas dignas de séria meditação, encontramos verdadeiras conferencias academicas e moraes que tambem não podem passar desaperecidas ao leitor. O snr. Labra, advogado distincto, é ao mesmo tempo um escriptor já conhecido vantajosamente no paiz visinho por muitos trabalhos juridicos e em especial pela activa propaganda a favor da abolição da escravatura, e mesmo entre nós pelo seu livro *Portugal y sus Codigos*, publicado em 1878. Tem sido deputado em varias legislaturas, e no parlamento, defendendo ideias liberaes, advogou principalmente a causa d'esses desgraçados, que ainda no ultimo quartel do seculo xix soffrem a dura injustiça de serem tratados como cousas, como animaes de trabalho por alguns de seus irmãos que se prezam de civilisados e cultos. Basta esta campanha abolicionista para o auctor merecer a sympathia de todos que têm por ideal o bem da humanidade.

A lei de 1870 que declarou o ventre livre e a de 1880 que fixou em oito annos o prazo da escravidão dos negros em Cuba não satisfazem ainda o snr. Labra e com justa razão, pois que o ultimo regulamento feito na Havana para dar cumprimento á lei de 1880 sancionou a *grilheta* e o *cepo* para os escravos pelas mais ligeiras faltas e perseguições tão brutaes como as usadas na época de Luiz xiv. É horrivel e degradante para a especie humana! O snr. Labra, no seu discurso sobre *La propaganda abolicionista en España*, pronunciado em Valladolid em fins de 1881, uma das melhores peças oratorias d'este volume, revoltava-se energicamente contra tal estado de cousas e reclamava a completa liberdade dos escravos.

O illustre parlamentar é um convicto democрата, um apologista da revolução de setembro, « aquella revolução que nos poz em contacto com o mundo moderno, diz elle, a revolução de setembro, que affirmou a tolerancia religiosa, que affirmou o suffragio universal, que estabeleceu a theoria dos direitos naturaes do homem e provocou um poderosissimo movimento

*

intellectual e moral...» (p. 31); um partidario acerrimo da vida politica como correctivo altruista do egoismo mercantil e industrial, a que conduz o desenvolvimento mais natural do que moral das nossas sociedades; um patriota enfim no sentido que dão á palavra os progressos realisados pela ideia cosmopolita do amor da humanidade. Dito isto, comprehende-se facilmente que o mais importante d'estes discursos deve ser o intitulado *La politica del gabinete Castelar*, pronunciado no parlamento na noite de 2 de janeiro de 1874, momentos antes da sala das sessões ser invadida pela tropa do general Pavia. O snr. Labra mostrára-se sempre adverso a Castelar, votára contra a suspensão das sessões, pedira aos republicanos da velha guarda que vigiassem pela republica e n'esse momento critico em que a traição se consummava lavrava um protesto solemne: « N'estes instantes supremos, dizia elle, necessito mais do que nunca affirmar a minha significação. Sou democrata. Por isso estou n'este logar. Se temos de cair, caiamos, quer por effeito da força, quer em virtude de uma modificação mais ou menos innocente. Conste porém que n'um trance tão critico não abandonamos as nossas convicções de sempre, não nos perdemos em composições nem aceitamos arrependimentos. Caiamos, porém saudando a democracia: repetindo diante de sua imagem o classico *morituri te salutant* » (p. 114). O illustre deputado investe duramente com os ministros e aponta os erros imperdoaveis de Castelar, insistindo principalmente no concurso pedido aos reaccionarios: « Os partidos contrarios a quem pedis auxilio, exclamou elle, apparentarão que vol-o concedem tão franca e lealmente como torpemente o pedis; porém hão de conspirar, esperar o momento, preparar a conjuração e aguardar o dia em que por vossas fraquezas e depois de haver dado o triste spectaculo de renegar a vossa historia, de haver prestado culto só ao principio de *omnia pro serviliter damnatione*, venha o poder a suas mãos para então vos dizer: haveis-nos servido como uns instrumentos, apostatando de vossas doutrinas; não nos pedistes condições, nem nós vol-as demos; ganhamos a batalha, nos separamos de vossos amigos e agora somos já bastante fortes para passarmos sem vós. » (p. 123). Assim succedeu para desgraça da Hespanha. Castelar ou foi connivente no vergonhosissimo golpe de Estado, ou estava mentecapto. Decerto não faremos ao grande tribuno a injustiça de o crêr mentecapto.

Este discurso do snr. Labra merecia uma analyse mais demorada por se prender com a historia da politica hespanhola nos ultimos dezeseis annos. Isso, porém, levar-nos-hia muito longe. Terminando esta noticia bibliographica, não podemos deixar de reconhecer a importancia do volume, em geral, como subsidio para o estudo do moderno desenvolvimento intellectual, moral e politico da nação visinha.

TEIXEIRA BASTOS.